

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de
fonte conforme abaixo.

LOPES, Hugo de Souza. *Hugo de Souza Lopes (depoimento,
1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 80 p.

HUGO DE SOUZA LOPES
(depoimento, 1977)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Maria Clara Mariani; Márcia Bandeira de Mello Leite Ariela

levantamento de dados: Patrícia Campos de Sousa

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

sumário: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 07/06/1977 a 15/06/1977

duração: 3h 45min

fitas cassete: 03

páginas: 80

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

A escolha do entrevistado se justificou por sua trajetória como pesquisador do CNPq e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

temas: Biologia, Bolsa de Estudo, Carreira Acadêmica, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico E Tecnológico, Ensino Superior, Formação Profissional, História da Ciência, Hugo de Souza Lopes, Instituições Acadêmicas, Instituições Científicas, Instituto Oswaldo Cruz, Intercâmbio Cultural, Metodologia de Pesquisa, Museu Nacional, Pesquisa Científica E Tecnológica, Política Científica E Tecnológica, Política Salarial, Professores Estrangeiros, Pós - Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Veterinária

Sumário

1ª entrevista:

O início da carreira científica no laboratório de Lauro Travassos: as pesquisas sobre os díptero sarcophagidae e opalomares estípteros; o ingresso simultâneo na Faculdade de Odontologia e na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária a opção pela veterinária; o interesse pela entomologia e a contratação como assistente de Travassos em 1934; a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; o ingresso no Instituto de Biologia Vegetal, a convite de Ângelo da Costa Lima; a formação e a carreira de frei Tomás Borgmeier; as contribuições de Costa Lima e Dário Mendes à entomologia brasileira; as publicações do Instituto de Biologia Vegetal; a obtenção da cátedra de parasitologia da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária e a demissão do Instituto de Biologia Vegetal; a incorporação dessa escola à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e sua transferência para o Km 47: as novas condições de trabalho; a expansão do laboratório de parasitologia da UFRRJ em 1949: o auxílio do Instituto de Economia Rural, as novas linhas de pesquisa; o acesso dos alunos à biblioteca de Manguinhos; a seleção e formação de seus assistentes: as bolsas de iniciação científica do CNPq; a carreira de Manuel Cavalcante Proença; o ingresso e a efetivação no Instituto Osvaldo Cruz; o apogeu e decadência das instituições de pesquisa brasileiras; a aposentadoria do Instituto Osvaldo Cruz e da UFRRJ; os recursos e as condições de pesquisa do Instituto Osvaldo Cruz; o papel do diretor na administração dos recursos das instituições científicas; os trabalhos desenvolvidos no Museu Nacional da UFRJ; a importância do desenho para a pesquisa biológica; a contratação pela Universidade Santa Úrsula (USU); os estudos realizados no Canadá; o intercâmbio com cientistas estrangeiros; a parasitologia, a entomologia e a fisiologia; os cursos do Instituto Osvaldo Cruz e o contato dessa instituição com a universidade.

2ª entrevista:

O Instituto de Biologia Vegetal: a organização, a biblioteca central, a biblioteca de entomologia, a subordinação ao Instituto de Experimentação Agrícola, as coleções, as publicações, os pesquisadores, a Estação Biológica de Itatiaia; a incorporação da coleção de coleópteros ao Instituto; a venda de holótipos brasileiros para o exterior e a política nacional de preservação das espécies; o ambiente de trabalho do Instituto de Biologia Vegetal; a experiência como catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária e como pesquisador do Instituto Osvaldo Cruz; a importância das coleções entomológicas; o trabalho de identificação e preservação das espécies; o intercâmbio dos Institutos de Biologia Vegetal e Osvaldo Cruz com o exterior: a classificação das espécies por especialistas estrangeiros; a decadência do Instituto de Manguinhos; a comunidade científica paulista; as finalidades do Instituto de Biologia Vegetal; as linhas de pesquisa da Seção de Entomologia desse instituto: os trabalhos de Hugo de Souza Lopes sobre os dípteros sarcophagidae; os critérios de classificação das espécies; as fontes de recursos para suas pesquisas: o auxílio do CNPq; a carência de técnicos de laboratório e de curadores de coleções no Brasil; os salários dos técnicos em instituições científicas brasileiras e estrangeiras; as atribuições do diretor nos institutos de pesquisa; o papel do CNPq no amparo à ciência brasileira; as relações do entrevistado com o Museu Nacional da UFRJ; o sistema de recrutamento dos pesquisadores dos institutos governamentais de pesquisa; a formação e a carreira de seus assistentes; as linhas de pesquisa desenvolvidas na UFRRJ: o auxílio das fundações estrangeiras; o intercâmbio da UFRRJ com universidades estrangeiras; a pesquisa científica nessa universidade; a aposentadoria compulsória em 1970 e o apoio da Academia Brasileira de

Ciências; o programa de mestrado da UFRRJ; os cursos de doutoramento em parasitologia no país e no exterior; o aproveitamento dos pós-graduados pela UFRRJ; a evasão dos pesquisadores dessa universidade; o Departamento de Ciências Biológicas da USU: a organização, os cursos, o contato com universidades estrangeiras, as linhas de pesquisa dos pós-graduandos; a participação de Hugo de Souza Lopes em sociedades científicas; a publicação de trabalhos em revistas nacionais; o papel da SBPC e da Academia Brasileira de Ciências; a pós-graduação em entomologia no Brasil e no exterior; a pesquisa científica na universidade e nos institutos isolados; os livros-texto de biologia; as fontes de recursos para suas pesquisas: o auxílio do CNPq e da Academia Brasileira de Ciências; a política do CNPq; a competitividade dos trabalhos dos entomologistas brasileiros; as publicações especializadas nacionais; o prestígio social dos cientistas no país.

1ª ENTREVISTA COM O PROFESSOR
HUGO SOUZA LOPES

Data: 07.06.77

Presentes: Márcia e Maria Clara

Local: Faculdade Santa Úrsula, Rio de Janeiro

Fita nº 1

Márcia – Como o senhor se iniciou na carreira científica?

HSL – Eu era estudante da Escola Superior de Agricultura de Medicina Veterinária e quando eu estava no segundo ano, entrou para a escola o professor Lauro Travassos que tinha a preocupação de arranjar gente para trabalhar e de iniciar estudantes e não gente já formada, porque ele achava que certamente já estava viciada e não serviria para nada. Na sua opinião o estudante é que devia começar. O doutor Herman deve ter-lhe dito isto também, porque era estudante quando começou com ele.

O professor Travassos em agosto de 1931 me levou para Manguinhos, para o laboratório dele. Quando ele esteve em São Paulo achava que se devia estudar um grupo de dípteros.

Márcia – Quando ele esteve em São Paulo?

HSL – É. Ele foi professor em São Paulo uns dois anos, antes de ir para Hamburgo na Alemanha. Quando voltou foi ser professor na Escola de Veterinária.

Achava que havia um grupo de dípteros que ninguém havia estudado chamado Sarcophagidae e que seria interessante eu estudá-lo. Eu comecei logo em Manguinhos a trabalhar nisso, ainda era estudante.

Márcia – O que é Sarcophagidae?

HSL – São dípteros moscas. Essas moscas cinzentas dos Estados Unidos.

E logo comecei a secar bichos, a criá-los e colecioná-los, em Manguinhos mesmo. Durante todo o ano de 1931 e 1932 eu continuei nesta coleta, nestes estudos. Ele me forneceu bibliografia, comecei a fazer um catálogo logo com a ajuda dele até que ele mesmo descobriu um cajá-manga, que tinha também um outro díptero, larva de um determinado díptero parecido, como um grupo e começamos a estudar estas larvas. Criamos uns adultos e um deles foi mandado para o professor Maia Marques Esteves que trabalhava em São Paulo.

O professor Maia, determinou o bicho e eu fiz o meu primeiro trabalho sobre estes bichos chamados Opalomares Estípteros, também uma mosquinha mas de um grupo diferente dos Sarcophagidae.

O professor Travassos fez questão que fosse comunicado a Academia de Ciências. Era preocupação dele incentivar a gente nas coisas. Foi o primeiro trabalho que eu publiquei.

M.C. – Será que dá para voltar um pouquinho para trás e contar para gente sobre a Escola de Veterinária?

HSL – Sim, mas isto seria uma outra história, porque a minha atividade em Manguinhos era diferente da atividade da Escola de Veterinária.

M.C. – Quando o senhor foi estudar veterinária tinha alguma idéia?

MSL – Eu fui estudar veterinária por uma circunstância. Encontrei um garoto que não conhecia, estava fazendo comigo vestibular na Escola de Medicina para Odontologia, eu pretendia fazer o curso de Odontologia. Ele me disse que tinha aqui ao lado, era na Praia Vermelha, uma Escola de Veterinária e que seu pai era o diretor. Esse menino chamava-se Cidônio Pamplona, era filho do velho Pamplona, e disse-me que lá poderíamos fazer o curso, pois tinha bons professores: o professor Miguel Osório, o professor Ângelo Moreira Costa Lima, o Melo Leitão, tinha um

bom professor de Química, cujo nome não me recordo.

Não tinha que fazer vestibular, então eu me inscrevi. Passei no vestibular de odontologia e fiquei cursando as duas escolas. Eu achei para mim, mais interessante a Escola de Veterinária, porque no segundo ano eu encontrei o Travassos e ele me levou para o Instituto. Então me desinteressei da odontologia, tanto que fiz todo o curso que era muito fácil, mas fui reprovado no último exame, que era o de clínica, pois eu pulava a prática de clínica odontológica. Não sei se a senhora se lembra, mas a Escola de Medicina tinha no primeiro andar, na esquina, umas janelas grandes. Então eu botava o avental como se fosse para a clínica, depois pulava a janela, embrulhava o avental e ia para a outra escola que era ao lado, assistir a aula do professor Miguel Osório, que eram aulas de fisiologia que me interessavam muito.

Um dia o professor descobriu esta história e não me deu presença, ainda insisti em fazer a prova com ele, mas ele me reprovou e eu não terminei o curso.

Terminei o curso de Veterinária, mas como o Travassos me levou para Manguinhos e eu já estava muito interessado em entomologia, terminei o curso de Veterinária em 1933 e fui logo nomeado assistente dele em 1934, na cadeira de Parasitologia, na Escola de Veterinária.

Márcia – Quem frequentava? O senhor disse que não havia vestibular, quer dizer que o número de candidatos era pequeno?

HSL – A escola era eficiente. Era do governo que nomeou bons professores, mas como ainda é hoje, naquele tempo todos queriam ser doutor, médico, engenheiro ou advogado, o resto não tinha interesse, por profissões importantíssimas não tinham interesse, só tinham interesse pelas clássicas.

Naquele tempo, isso era muito mais ativo, ninguém queria ser veterinário, que era uma profissão subalterna, não tinha a importância enorme que tem hoje.

A Escola de Veterinária hoje em dia tem uma afluência excessiva, todas as Escolas

de Veterinária estão cheias. Mas naquele tempo ninguém queria ser veterinário, então o número de alunos era restrito, o número de vagas era muito maior do que de candidatos, mas os professores apertavam muito, logo no primeiro ano faziam uma seleção. Se fosse possível, se houvesse vaga para todo mundo, todas as escolas deveriam ser assim, todos entravam para o primeiro ano, então fornecia-se material para todos estudarem e aqueles que aproveitassem passavam para o segundo ano. Não se faz isso porque, não é possível. Nós temos turmas de sessenta alunos em cada classe de biologia, se nós pudéssemos admitir aqui quinhentos e no fim do primeiro semestre selecionar os primeiros sessenta, seria uma vantagem enorme para qualquer curso. Assim eles faziam na veterinária, poucos alunos passavam para o segundo ano e para o terceiro ano. A minha turma foi uma turma pequena, acho que tinha uns treze, catorze. Muitos tiveram muito sucesso nesta turma: no Ministério da Agricultura como veterinários, como assessores nos ministérios. Esta escola era interessante porque era na Praia Vermelha, naquele grande prédio, que hoje é o serviço de geologia, mas logo começaram a construir bem em frente, onde é atualmente o Maracanã, a sede do laboratório e o laboratório do professor Travassos passou logo para o Maracanã. Quando eu fui nomeado assistente, de Parasitologia em 1934, o laboratório já era lá, até 1945 a cadeira de parasitologia funcionou lá.

Márcia – Quando foi a desacomulação no tempo de Getúlio?

M.C. – Em 1937.

HSL – Em 1938 o professor Travassos teve que desacomular. Ficou só em Manguinhos, deixou a cadeira de parasitologia da Escola de Veterinária. Neste tempo eu já estava no Jardim Botânico, porque eu trabalhei em Manguinhos com Travassos em 1931 e 1932, e em 1933 já comecei no Jardim Botânico a chamado do professor Costa Lima, organizou-se essa seção de entomologia no Jardim Botânico.

Márcia – O professor Costa Lima também era professor da Escola de Veterinária?

HSL – Não. Ele era professor de agronomia, que era da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, ele era do setor de agronomia. Tinha duas escolas: uma de

agronomia e uma de veterinária.

M.C. – Havia muito contato?

HSL – Sim. A congregação era uma só, chamava-se Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária.

Márcia – Entre os alunos também?

HSL – Entre os alunos também. Nos primeiros anos, a cadeira de Anatomia de animais domésticos era dada em comum para os veterinários e agrônomos. Muitos estudantes de agronomia foram meus colegas de turma.

A cadeira de zootecnia também era dada em comum, muitas cadeiras eram dadas em comum, era um tipo de escola como as que há hoje. Hoje em qualquer universidade fazem-se certas cadeiras com um curso tal.

Era uma pequena escola que tinha química, agronomia e veterinária, mas já era como se fosse uma pequena universidade, Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, estava certo, tinha até professores famosos, cientistas muito bons, que é uma coisa que toda universidade procura ter.

Márcia – Aí o senhor foi chamado para o Jardim Botânico?

HSL – É. Em 1933 eu fui chamado para o Jardim Botânico e lá trabalhei com frei Thomaz Borgmeier que tinha vindo de São Paulo a convite do Artur Neiva que era o diretor geral. O Costa Lima era o diretor do instituto, mas o Artur Neiva era o diretor geral da parte de pesquisa do Ministério da Agricultura – e que havia uma direção de pesquisa. O instituto estava subordinado a esta direção, o diretor era o professor Artur Neiva, que tinha fundado o Instituto Biológico em São Paulo e estava agora no Rio, depois que tinha sido substituído em São Paulo, por causa daquelas questões da revolução constitucionalista. O Neiva tinha se aborrecido e tinha vindo para o Rio.

Então lá funcionei de 1933 até 1938 como auxiliar técnico da seção de entomologia e ao mesmo tempo, desde 34, eu já era assistente de parasitologia do Professor Lauro Travassos – eu acumulava dois cargos. Nós tínhamos aulas na Escola de Veterinária às terças, quintas-feiras e sábados. Estes três dias eu ficava na escola das oito às dez horas, depois ia para o Jardim Botânico e ficava lá até as seis horas, era o tempo que eu mais pude trabalhar.

Márcia – O senhor trabalhava diretamente com este Frei Thomaz Borgmeier, ele veio de São Paulo?

HSL – Ele veio de São Paulo para ser o chefe de seção.

M.C. – Qual era a formação dele?

HSL – A formação de Frei Thomaz Borgmeier era muito interessante, porque ele era um padre que foi ordenado aqui no Brasil, fez curso em Santa Catarina, depois em Petrópolis e era professor de teologia. Era um homem que tinha uma base humanística muito grande, falava todas as línguas, traduzia grego, hebraico, um sujeito que tinha uma cultura básica, era muito bem formado.

A história de Frei Thomas Borgmeier é muito engraçada, ele estava no convento dos Franciscanos, ele era franciscano, em Petrópolis, que tem a Editora Vozes de Petrópolis e começou a interessar-se pelas formigas, durante muito tempo colecionou formigas e começou a se corresponder com vários especialistas europeus de formigas. Interessou-se também por umas mosquinhas que vivem com as formigas, que são muito comuns, entram muito dentro de casa. São de uma família chamada Folidae.

Sempre com muita dificuldade, estudando a princípio quase como um amador. Depois tem uma porção de histórias engraçadas que aconteceram com o Borgmeier. Até há pouco tempo eu soube detalhes dessa história. Ele tinha um microscópio muito ruim e lá em Petrópolis tinha o Abreu Fialho, o velho Abreu Fialho, que ia muito ao convento e deu-lhe de presente um microscópio Lites, inda há pouco

tempo estive comentando com o filho dele, que hoje tem uns setenta anos, e Frei Thomaz pôde estudar.

Uma outra ocasião também ele encontrou o velho Herman Von Ihering que era um alemão que a senhora já ouviu falar, claro, a ciência do Brasil tem que falar de Herman Von Ihering, foi o diretor do museu paulista durante muito tempo, depois na guerra de 14, 18, sei lá, ele saiu. O Herman Von Ihering tinha estudado formigas e ofereceu ao Frei Thomaz um caixote de bibliografias por um conto de reis, não por cem mil reis, pois um preço desse Frei Thomaz não podia pensar em pagar. Mas um entomologista amador muito engraçado chamado Júlio, vivia colecionando borboletas, era um portador de ferragens, um alemão muito rico com uma casa na rua do Ouvidor, ficou sabendo que Herman tinha oferecido essa bibliografia ao frei Thomaz e pagou ao Herman e o frei Thomaz recebeu em Petrópolis aquele caixote com a bibliografia. Então tem muita coisa engraçada na formação do frei Thomaz, coisa que só podia acontecer naquele tempo. E com aquela bibliografia e o microscópio que ele tinha ganho do Abreu Fialho ele começou a estudar formigas. Aí o frei Thomaz quis publicar os trabalhos e começou na Editora Vozes de Petrópolis. Então a Editora Vozes em certa época, 1925 a 1927, tinha trabalhos do frei Thomaz, trabalhos científicos editados numa editora, era uma revista de propaganda religiosa, revista religiosa para leigos.

Um dia ele foi ao Museu Nacional para ver se conseguia publicar seus trabalhos e lá encontrou o Artur Neiva que era o diretor nesse tempo. Este, quando percebeu que o frei Thomaz era realmente um cientista inteiro autodidata, um cientista muito bom, muito sério, com muito boa base para trabalhar, não só publicou seus trabalhos como também contratou-o para trabalhar no museu. Durante algum tempo ele publicou os seus trabalhos nos boletins do Museu Nacional. O frei Thomaz sempre teve uma capacidade enorme de fazer divulgação científica em revistas técnicas, revistas científicas. Já naquele tempo ele disse para o Neiva: o senhor não pode publicar memórias todas do Museu nessa enorme publicação que eram os anais, os anais. O senhor tem que fazer revista alegre, pequenina, que seja publicada logo para publicar notas breves e trabalhos que precisem de divulgação rápida. Então o Neiva fez o famoso Boletim do Museu Nacional que é a revista que até hoje existe com o nome de ... é boletim também mas existe em várias sedes,

naquele tempo era um só boletim. Esta é a história do frei Thomaz.

Quando o Artur Neiva foi fundar o Instituto Biológico de S. Paulo, por causa da broca de café, aquela calamidade pública número um do Brasil, o governo chamou os cientistas porque o governo só lembra dos cientistas na hora do aperto, o Neiva ficou encarregada de congregar o pessoal e o frei Thomaz foi um dos primeiros que ele chamou para trabalhar em São Paulo. Aí ele deu um incremento muito grande às formigas, trabalhava em dois assuntos bem diferentes, porém correlacionados pois muitas dessas moscas que vivem com as formigas.

Então o frei Thomaz ficou no Instituto Biológico de São Paulo até que o Artur Neiva chamou-o para chefiar a seção no Jardim Botânico.

Em 1938, eu fiz concurso na Escola de Veterinária – quando o professor Travassos desacomulou, teve esse concurso na Escola de Veterinária, larguei portanto o tal Instituto de Biologia Vegetal e o frei ainda permaneceu no instituto por mais uns dois ou três anos, até 1940 e pouco ainda ficou por lá. Pertencia também ao instituto Dário Mendes que também era uma figura muito importante na entomologia brasileira, porque o professor Ângelo Moreira da Costa Lima era o principal e provavelmente nunca vai haver um entomologista do quilate do Costa Lima, porque ele conhecia os grupos todos, tinha uma orientação enorme na entomologia agrícola.

Muitas das coisas de agricultura que se fez no Brasil só se pode fazer porque o Costa Lima se prontificou a estudar os insetos para poder combatê-los, mas ele também tinha conhecimento enorme de entomologia médica, principalmente de mosquitos. A entomologia médica deve muito ao Costa Lima – os primeiros trabalhos sobre mosquito foram feitos por ele.

Costa Lima é uma figura famosa no mundo todo, não há uma instituição no mundo que não conheça os seus trabalhos que hoje são trabalhos clássicos e muito importantes.

Mas havia também o Dário Mendes que era uma espécie de preparador, começou

como preparador, mas que era um homem extraordinário, lia qualquer língua, era capaz de seguir discussões em alemão – não são todos os entomologistas que fazem, sem nunca ter aprendido alemão, isto é que é extraordinário. Era muito trabalhador, boníssimo, de uma disciplina de trabalho enorme, muito enérgico. No nosso tempo lá do Instituto, o frei Thomaz quase que o obrigou a publicar uma série de trabalhos interessantes que ele tinha mais ou menos engavetado, coisas interessantes de entomologia que ele descobria mas que não tinha o hábito de publicar. Então nesse tempo, a produção do instituto durante uns quatro ou cinco anos foi muito importante, porque se publicou muito. Havia uma revista lá chamada Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal – este Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal teve muitos trabalhos de entomologia do Assunção. Depois quando eu deixei o Instituto e fui para a Escola de Veterinária, a Escola de Veterinária já era uma escola desacomulada, dos professores antigos só havia praticamente o professor Melo Leitão que continuou na nova escola que passou em 1946 para a Universidade Rural que é o Km 47, já era a Universidade Rural porque a Escola Superior de Medicina Veterinária foi transformada na Universidade Rural. Então esta Universidade Rural foi transferida para o Km 47 e lá tivemos a oportunidade de ter um espaço enorme, recebi logo como professor de parasitologia cinco salas enormes, além da sala de trabalhos práticos que dava para trinta alunos, cada um na sua mesa – era uma coisa nada vista, para o Brasil então era uma coisa extraordinária.

Tinha cinco laboratórios que no começo eu não sabia o que fazer deles, mas depois a Escola de Veterinária se desenvolveu bem. Fizeram concurso para lá o Alípio Bruno Lobo, o professor Alziro de Oliveira, o professor Vicente Xavier, todos bons professores que funcionaram muito bem lá no Km 47.

Começou a haver um desenvolvimento grande na parasitologia também. A escola sempre bastante pobre em verbas, mas apareceu, como caído do céu, um professor de economia rural. Era uma pessoa muito progressista chamado Rômulo Carlina que conseguiu uma verba para desenvolvimento de coisas de Economia Rural, então criou um Instituto de Economia Rural. Aliás a história até é mais interessante, pois não foi bem o Rômulo Carlina que conseguiu a verba porque ele apesar de ter muito prestígio não teve a possibilidade de arranjar esse dinheiro. Quando houve o

concurso para a cadeira de Economia Rural na Escola de Agronomia, o concorrente do Rômulo Carlina, ele era assistente da escola e foi fazer o concurso, tinha tanto prestígio e tanta certeza que ia ganhar a cadeira – certas coisas no Brasil São muito engraçadas – que antecipadamente arranhou uma enorme verba para o Instituto de Economia Rural, mas a questão é que ele não ganhou a cadeira, mas a verba ficou, era para o Instituto de Economia, para a mesma cadeira. Então o Rômulo Carlina deu bolsas para alunos e eu tive a possibilidade de ter quantas bolsas quisesse, porque acreditava muito no trabalho deles lá e então eu consegui durante um espaço de tempo relativamente pequeno que trinta rapazes, não na mesma época, trabalhassem comigo no laboratório de Parasitologia e desenvolvia duas linhas de pesquisa que eu podia ajudar, porque já nesse tempo – desde 1949 – eu além dos insetos estava também interessado em moluscos, pois eu tinha ido dar um curso de Entomologia na Bahia em 49 e o recôncavo baiano é muito pobre em insetos, o meu relacionamento com insetos lá era muito frustrado, mas em compensação aquelas baías, o recôncavo baiano e mais as praias de Itapuã, aquelas praias bonitas, praias fortes, eram de uma riqueza impressionante em moluscos, e talvez o ponto do Brasil mais rico em moluscos, então assim eu comecei a me interessar e a colecionar moluscos, primeiro marinhos, mas depois moluscos de um modo geral.

Então lá na universidade rural, nós desenvolvemos duas linhas de pesquisa: tinha alunos que estudavam moluscos e alunos que estudavam insetos, no caso dípteros, porque a biblioteca era paupérrima, eu tinha a biblioteca de Franguinhos a minha disposição, desde que entrei para a Escola de Veterinária, nunca deixei Manguinhos. Quando eu larguei o Jardim Botânico, eu voltei para Manguinhos e tinha o meu laboratório lá. Durante vinte anos eu trabalhei em Manguinhos sem ser de Franguinhos, mas todo mundo achava que eu era, apesar de não ser funcionário. Eu me lembro muito bem que quando fui dar o curso de Entomologia na Bahia a convite de Otávio Mangabeira, que aliás tinha começado a trabalhar comigo no Jardim Botânico, fez até um trabalho lá comigo, este foi ao diretor de Manguinhos que era o Henrique Aragão, comunicar-lhe a minha ida e perguntar o que achava e que sugestões fazia. O Aragão disse que eu não podia ir pois iria precisar de mim e o Mangabeira respondeu-lhe que eu não era funcionário de lá e como é que precisaria de mim?

Naquele tempo no Brasil ainda tinha dessas coisas, havia essa possibilidade da gente ... Mas então eu tinha continuado em Manguinhos e tinha a biblioteca a minha disposição, quer dizer, naquele tempo não era fácil levar bibliografia para o Km, isto nós sempre aprendemos com o Travassos: livro não se leva para o laboratório, a biblioteca para nós sempre foi absolutamente sagrada e hoje com o xerox que tem lá, isto podia ser levado até a mais apurado ainda, porque não precisa levar um livro, a gente leva um xerox, nós nunca levamos livros, mas levávamos fotografias e tínhamos que fazê-las, o serviço de fotografias de Manguinhos era muito eficiente e eu fazia aquelas fotografias de páginas e páginas e alguma coisa que eu tinha como trabalho para biblioteca minha, principalmente separatas e troca de trabalhos. Eu fornecia, para os rapazes lá em Manguinhos a bibliografia e o material para que eles fizessem um trabalho. Desses trinta que trabalharam lá, tem mais ou menos uma dúzia que ainda está trabalhando até hoje e dessa turma alguns foram para São Paulo, tem um em Campinas que é muito bom, gente em outros lugares de Niterói, e ...

Quando em 1964 deixei a escola, deixei quatro assistentes no meu lugar, dando um curso muito mais eficiente do que eu dava, porque eram quatro e quatro jovens, eu já estava com cinquenta e tantos anos, de forma que eu não podia ter a eficiência desses jovens. Então isto é que é uma coisa muito importante: a possibilidade da iniciação desses meninos foi função de um acaso, de uma verba que havia desse tal Instituto de Economia Rural. Então como eles eram internos, tinham alojamento de graça – alguns eram mais ou menos pobres – e recebiam um conto de reis (mil cruzeiros) de bolsa, isto era mais um incentivo, pois mil cruzeiros não davam pra nada, mas também eles pagavam pelo almoço um cruzeiro, o negócio era baratíssimo. Então esses meninos, muitos trabalharam lá, mas estes que ficaram, tiveram uma formação muito especial – como eles estavam se iniciando numa especialidade – eu sempre recomendava muito a eles que é muito importante que um aluno que quisesse fazer uma especialização fosse completo também nas outras disciplinas.

Lembro-me muito bem do aluno que ficou como regente lá, Hugo Resende – uma vez o professor de clínica veio me dizer que ele foi o seu melhor aluno. Eu escolhia

gente que era dedicada, isto também é uma coisa muito importante: saber escolher. Já neste tempo eu trabalhava em Manguinhos, desde 1950. Então eu ia para o Km 47 às onze horas de sexta-feira, hora em que eu encerrava minha vida em Manguinhos, pegava o carro e ao meio-dia estava lá para começar uma aula de uma hora. Passava no laboratório – estava dando aula de tarde, mas depois das quatro, cinco horas, então com eles lá trabalhando cada um no seu laboratório, aquelas famosas cinco salas começaram a ficar apertadas. Então depois íamos jantar, voltávamos e ficávamos mais ou menos até onze horas, meia noite no laboratório. No dia seguinte, sábado, tínhamos aula de manhã às sete horas, mas mais ou menos às dez e meia, onze horas, acabava a aula e ficávamos novamente no laboratório até a parte da tarde. Então com estes dois dias, cada um tinha o seu problema para trabalhar: um grupo de moluscos e outro de insetos, dissecando-os, fazendo desenhos, ensinando aquelas coisas todas. Eu acho que este contato intensivo e curto com eles foi muito benéfico. É pena que não se possa fazer isto sempre. Não é possível sempre fazer numa universidade o orientador ter um contato com o aluno longo, mas não diário, porque obriga o rapaz a armazenar os problemas, a decidir os problemas que ele pode decidir, quer dizer, evita esta preguiça mental que a gente vê, hoje muito comum no orientador de pesquisa – isso professor? Isso professor? Então o aluno resolvia os problemas dele, aqueles problemas que não pediam resolver e que dependiam um pouco mais de experiência e de conhecimento, eu resolvia ou enunciava com eles, porque na pesquisa não se vai resolver problema nenhum, a gente vai enunciar e procurar resolver dentro de um trabalho, nunca se resolve nada na hora. Isto foi muito benéfico e muito engraçado, porque quando os meninos – eu tinha esta pequena bolsa para eles – terminavam o primeiro trabalho para publicação, que era geralmente na Revista Brasileira de Biologia, revista dirigida pelo Herman [Lent] e quando me entregavam, eu ia a Manguinhos, fotografava as estampas, organizava-as (os rapazes de lá eram hábeis, faziam redução daquelas estampas) e eles tiravam cópias da original datilografada, entregavam uma na revista de Biologia, guardavam outra e uma segunda cópia eu levava e enchia um papel do Conselho de Pesquisas, aquele de bolsas de iniciação científica, juntava aquele trabalho com os desenhos e tudo e enfiava aquela história no Conselho de Pesquisas. Todos que eu fiz nesse sistema, o Conselho de Pesquisas dava bolsa. Então eles tinham aquela iniciação com aquela pequena verba, já uma bolsa de iniciação científica que neste tempo (devia ser mil novecentos e cinquenta

e pouco, cinquenta e cinco), era muito interessante, porque estava lá o Manoel Frota Moreira, era o presidente do Conselho e este setor de Biologia era muito requintado. Até me lembro que nesta minha turma tinha um rapaz chamado José Luiz de Barros Araújo, trabalhava com moluscos, tem muitas trabalhos sobre moluscos, professor muito bom, muito meticoloso, muito aplicado, teve um problema na família da noiva dele e resolveu casar, teve logo filho. Como ele era de Valença, tinha que ir e voltar, era um problema sério. Mas um belo dia ele foi receber no Conselho e viu que tinha dinheiro demais. Falou com o professor Frota Moreira e este lhe disse que era porque ele tinha se casado – quer dizer, havia uma compreensão muito grande, não acredito que hoje no Brasil se tenha esta possibilidade, porque o número aumentou de tal forma que as pessoas não tem aquele contato. Eu acho que estas coisas todas têm uma importância muito grande.

Todos estes rapazes tinham um ponto de apoio em Manguinhos, tinham lugar para trabalhar. Então, quando tinham folga de aula ou folga já depois de formados, trabalhavam comigo também e seus trabalhos tiveram vantagens: viam coleções, revistas...

Márcia – Eles vinham para Manguinhos trabalhar com o senhor?

HSL – É. Eles trabalhavam lá, mas frequentavam a biblioteca, vinham nas coleções de Manguinhos ver coisas, frequentemente estavam lá.

M.C. – A maioria dos formados pela escola continuou na escola depois de formados?

HSL – Por exemplo, da escola, estes quatro ficaram e depois que eu saí, em outubro de 1964 (quando me aposentei), eles foram nomeados. Depois, três desses quatro tiveram oferecimento para Brasília, para uma Universidade de lá. Passaram um ou dois anos lá, voltaram e hoje estão novamente lá, a não ser o Paulo Írio que está em Niterói, mas também está muito bem, está trabalhando lá.

M.C. – O senhor tinha falado da importância da seleção dessas pessoas. Qual o processo que o senhor usava?

HSL – O processo que eu usava era muito apurado. Naquele tempo no Km 47, tínhamos a possibilidade de fazer exames de vestibular com entrevista. Acho que isto é indispensável. O teste de aptidão é mais importante do que o de conhecimentos. Acho completamente impossível a gente ver a capacidade do aluno sem entrevista pessoal. Na Santa Úrsula nos transferidos, nós também fazemos entrevistas, a gente faz também uma seleção, mas uma seleção de sim ou não, não dá para apurar mais do que isso.

A Parasitologia na Escola de Veterinária era no segundo ano e a primeira coisa que eu fiz, quando pensei em ter a possibilidade de selecionar gente lá, foi passar Parasitologia para o primeiro ano e fazia, questão de examinar o vestibular, até todos achavam esquisito, porque ninguém queria examinar, mas eu queria por isso.

Muito frequentemente examinava o vestibular com Alípio Bruno Lobo e o Paulo Dacorso Filho, que era professor de patologia, que era um dos pontos altos da Escola de Veterinária, foi reitor lá, mas era um professor admirável, muito bom professor de anatomia patológica que substituiu o Deolontino (?) dos Santos, que foi o orientador dele. Foi uma linha de patologistas muito importante. Ainda há vários lá na veterinária.

Eu tinha uma entrevista com os meninos e via a aptidão deles, via o que eles tinham conseguido fazer sem que ninguém tivesse ajudado. Isto é uma coisa muito importante no estudante, a inclinação para ciências naturais tem que haver antes de qualquer concurso. É claro, muitas pessoas podem dar para ciências naturais sem que em menino não tenha gostado de plantas e bichos. Mas na Escola de Veterinária havia uma vantagem muito grande, porque os candidatos tinham duas qualidades muito importantes para mim; primeiro, não querer ser doutor (não ter a preocupação de ser doutor) e segundo, gostar da natureza. Ninguém vai estudar veterinária se não gostar da natureza. Estas duas condições facilitavam muito o pessoal que ia para lá.

Eu examinava o vestibular e tomava nota de cada um, emitia uma lista completa, alguns logo com sinal negativo: eu costumava ter alunos que não se fixavam, que não aprendiam as coisas e prestava atenção e quando eles chegavam no primeiro

ano, antes que eles viciassem, por isso e que eu passei para o primeiro ano, para evitar que eles aprendessem esses macetes que todo aluno que entra para a Universidade aprende – tantos macetes que o professor está crente que eles são bons alunos, mas eles tem é macete, ... Com isso eu consegui convidar uma série deles, selecionava bem, lembro-me, por exemplo, de um rapaz chamado Manuel Marins que encontrei agora em Vitória, ele está no Banco de Desenvolvimento como veterinário, no setor de empréstimo agrícola – porque é muito importante para o Banco ter um bom técnico –, este rapaz convidei-o para trabalhar comigo porque ele tinha uma capacidade de representar coisas e isto em ciências naturais é muito importante, que se tenha uma inclinação para o desenho – isto e meio caminho andado –, mas veja a falta de sorte desse rapaz – não sei, tal vez sorte porque ele hoje está tão bem que não sei se foi falta de sorte –, ele trabalhava comigo, já estava bem adiantado para o trabalho, estava na escola no terceiro ano, e o ônibus em que vinha de Campo Grande entrou num tanque de guerra e ele perdeu o ano. Fui visitá-lo no hospital, estava todo quebrado, ficou bom, porém com um defeito na perna.

Márcia – Ele deixou a pesquisa mas continuou na escola?

HSL – É, deixou a pesquisa, terminou o curso na escola, mas depois foi tratar de outra vida, fazer outras coisas, hoje está muito bem, porque tenho a impressão que esta iniciação científica é muito útil, mesmo quando a pessoa vai para outra atividade.

Lembro-me muito bem dos anos em que o Martins esteve conosco em Manguinhos com o Travassos, com Manuel Cavalcante Proença – não sei se já ouviram falar em Manuel Cavalcante Proença. Era um parasitologista muito bom, era professor de Parasitologia da Escola de Veterinária do exército. Ele tinha uma história muito engraçada: ele era cadete da Escola de Guerra e se meteu numa daquelas revoluções de São Paulo e caiu na tropa e foi cabo de cavalaria muito tempo. Ele tem até um romance, um livro de contos – contos de caserna –, em que ele conta o tempo em que era cabo da cavalaria. Depois disso conseguiu fazer concurso para a Escola de Veterinária e fez o curso de Veterinária do Exército e foi professor de Veterinária. Trabalhou conosco muitos anos em Manguinhos, estudava morcegos, depois fez concurso para a Escola de Veterinária, para doenças infecciosas (também era muito

bom em microbiologia e em doenças parasitárias colocava em evidência parasitárias e infecciosas) pois vagou na escola uma cadeira de Doenças Parasitárias Infecciosas, mas estas coisas de concurso no Brasil ... ele foi preterido e largou, desinteressou-se um pouco pelas ciências naturais e foi ser professor de Português de um colégio militar, ele sempre foi muito bom em português e como era militar, tinha essa possibilidade. Foi ser professor e passou a ser crítico literário. O sistema de análises, o sistema de fazer trabalhos em ciências ajudou-o tanto que sua crítica literária sempre foi um sucesso no Brasil. E hoje em dia, o processo de analisar, de citar trabalhos em literatura é o processo que ele introduziu. Hoje todo mundo faz como Proença fazia, pela técnica, pelo hábito de fazer trabalhos científicos. Quer dizer, este tipo de trabalho é sempre uma coisa positiva.

Agora, a minha atividade em Manguinhos foi o centro de tudo na minha vida, porque ainda estudante comecei lá, trabalhamos dois anos lá com o Travassos, depois passei cinco anos no Jardim Botânico, mas nunca deixava de ir pelo menos um dia por semana a Manguinhos, tinha a minha mesa lá, o meu laboratório. Depois, quando fiz concurso para a escola e larguei o Jardim Botânico, voltei para Manguinhos, quer dizer, de 1938 até 1970 eu estive em Manguinhos.

Márcia – O senhor nunca se interessou em fazer concurso para Manguinhos, em entrar como professor?

HSL – Não, porque em 1950 fui convidado e contratado lá. De 1938 até 1949 eu trabalhei de graça. Depois veio uma daquelas efetivações em massa e eu fui efetivado, fui chefe da seção de entomologia durante muito tempo. Tomei conta também daqueles cursos que Manguinhos dava.

Márcia – Havia outras pessoas trabalhando nas mesmas condições em que o senhor se encontrava?

HSL – Em Manguinhos?

Não.

Tinha alguns que frequentavam mas não com tanta assiduidade, eu ia todos os dias. Aliás, minto, alguém fazia isto também porque quando houve a desaccumulação em 1933, o professor Costa Lima era professor da Escola de Agronomia e de Manguinhos, era do tempo de Oswaldo Cruz. Costa Lima era de Manguinhos convidado por Oswaldo Cruz, depois deixou Manguinhos e ficou na escola, mas trabalhava também de graça em Manguinhos. O que nos ligava em Manguinhos não era o ordenado, pois sempre foi miserável, a gente ganhava uma miséria, o que acontecia é que muitos daqueles de Manguinhos estavam cheios de bicos e tinham como Manguinhos um bico também, só iam lá para dizer que eram de lá.

Eu me lembro que quando entrei para Manguinhos eu era garoto, fiquei horrorizado com um camarada que curava doenças venéreas e anunciava assim: do Instituto Oswaldo Cruz (no jornal com um letreiro grande, com um cartaz grande). Eram dois irmãos, fulano e fulano de tal do Instituto Oswaldo Cruz para tratar de doenças venéreas. Era um negócio que existiu e existiu muito.

Agora os que estavam lá e se dedicavam como o Travassos que foi um exemplo de trabalho para todos nós, quando desaccumulou ficou ganhando uma miséria. A senhora dele trabalhava, não podia ter empregada, doente trabalhando, foi um sacrifício danado.

Todos trabalhavam por causa do ambiente, por causa dos laboratórios, da tradição que havia, daquela enorme biblioteca, E depois porque em Manguinhos até recentemente havia uma diferença muito grande inclusive no pessoal subalterno, aquela tradição de Oswaldo Cruz, depois de Carlos Chagas, de todas aquelas pessoas que trabalhavam lá, os serventes, por exemplo, se a gente estava catando bichinhos, nenhum ser vende achava graça. Em todas as outras repartições do Brasil todo, qualquer servente achava graça do doutor estar apanhando bichinhos. Lá não havia essa história, tinha aquela tradição de trabalho, aquela tradição que é tudo numa instituição. Hoje não Manguinhos é uma repartição burocrática, que tem uma meia dúzia de cientistas, o resto é burocrata, não sei aonde arranjam tanto burocrata, tanto papel. No outro dia fui lá e tinha salas com três, quatro mesas, aquele tipo de repartição pública cheia de papel, mas com ninguém na mesa, não sei

o que tem lá que eles arranjam tanto papel.

Márcia – E não tinha antes?

HSL – Ah, não, Naquele tempo era só no trabalho mesmo.

Eu tenho assistido a todas essas instituições e o que a gente vê de importante, é claro, é que todas instituições no mundo todo, têm uma subida, um platô e um declínio, isto não tem dúvida – tem que ter, a não ser o Museu Britânico, o museu de New York, um negócio que não se mantém como instituição, mas mesmo assim, todas estas instituições tem que ter até um declínio, nas no Brasil as coisas sobem e depois caem rapidamente. Por que? Por uma única razão: elas sobem com sacrifício, todo mundo estusiasmado, consegue subir, consegue fazer, mas depois para manter é preciso que uma instituição dessa tenha capacidade de atrair os novos, dar lugares para os novos porque senão aqueles velhos morrem ou ficam velhos demais para trabalhar, então cai tudo. No Brasil é sempre assim, tudo é assim, não tem outra coisa. No Instituto Biológico foi assim, no Butantã foi assim, no Museu de Zoologia de São Paulo, o Instituto Osvaldo Cruz, o próprio Museu Nacional está assim.

Hoje mesmo eu tive com o Leitão de Carvalho que me disse que ia embora porque o Dasp arrumou um jeito de não incorporar o vencimento, tem que levar cinco anos para incorporar e eu não vou poder incorporar porque faço setenta anos antes disso e vou-me embora. Quero ver quem é que vai cuidar da enorme coleção de répteis e anfíbios que tem lá, quem é que vai cuidar?

Márcia – Mas porque estas instituições não têm condições de absorver gente nova?

HSL – Não têm condições porque não tem lugares para entrada, só por isso. Porque tinham que ter primeiro muitos lugares como eu tinha lá. Qualquer diretor de uma instituição dessas devia ter bolsa de iniciação para quantas pessoas ele e os técnicos quisessem, isto é fundamental, não pode restringir essa primeira entrada. Agora tinha que ter também aquela falta de comadrismo, o que é muito difícil no Brasil, o sujeito experimentar uma pessoa, como eu fazia lá no Km, fiz sempre assim, chegar

perto do rapaz e dizer (a um deles eu disse): olha, você tem as duas mãos canhotas, é muito inteligente, muito bom, muito capaz, mas ... (de fato o menino tinha as duas mãos canhotas, era incapaz de desenhar). Então eu tive que dizer sinceramente a ele. Ele foi muito bom porque depois ele se meteu na clínica, no RX e ficou radiologista muito famoso hoje. Não dava para aquilo, mas dava para outra coisa, porque tinha capacidade de trabalho. Se ele não fosse bom, eu não o teria chamado, achei que era bom, mas tinha defeito. Quer dizer, o diretor e o estafe de uma Instituição tem que ter tantas bolsas de iniciação quantas ele quiser empregar, agora empregar com parcimônia e com dureza, quer dizer, se a pessoa não pode porque às vezes não pode porque teve que fazer uma outra coisa, não teve possibilidade de trabalhar porque teve uma doença em casa ou ele próprio ficou doente ... tudo isto tem que ser tomado em consideração. Procurar fazer a seleção de toda essa gente que aparece, mas uma seleção dura. Agora na hora que o sujeito é realmente bom, tem que dar a ele tudo, para ele poder casar, criar os filhos. Isto aqui não tem. O funcionário técnico no Brasil é tratado como um datilógrafo, só precisa bater a máquina. Todo mundo serve para datilógrafo, é questão de acreditar, uma pessoa normal tem que servir. Mas não. Depois de se fazer uma seleção difícil dessa, fica o camarada com miséria, assim não é possível. E acho que o único mal é este: todas as instituições a que eu tenho assistido declinam e depois alguns diretores ficam com medo de pesquisar a causa, porque tudo isto que eu estou dizendo todo mundo vê e começa a botar gente, agora botar gente sem seleção. Então eu me lembro do Instituto Osvaldo Cruz com quarenta pessoas e me lembro do Instituto Osvaldo Cruz com quatrocentas. Em quarenta pessoas tinha digamos, sessenta por cento de gente que podia trabalhar ou que trabalhava, alguns não. Nas quatrocentas tinha dez por cento de pessoas que trabalhavam, então o instituto técnico só tem que cair.

Eu me lembro que lá no instituto teve uma mocinha, acho que ela era da Cornell (?) uma americanazinha, esteve conversando conosco e disse que estudou a história do Instituto, isto mais ou menos em 68, 67 (nós saímos de lá em 70) e chegou à conclusão de que o Instituto estava acabando naquela época, depois de estudar a história, de ver a produção, de fazer a estatística do trabalho em função do número de pessoas, das atividades, das verbas, quer dizer, era uma dessas pessoas que tinha estudado não é Ciências Sociais, mas alguma coisa que o valha, numa universidade americana e que chegou lá e aplicou os conhecimentos. Uma mocinha de vinte dois

ou vinte três anos... então é fácil de prever que as coisas não podem continuar assim.

A base de todas estas coisas está primeiro no comadrismo, na pena que o brasileiro tem do ... ah coitado, tão bonzinho esse menino e tal ... Não pode continuar com isto, senão a instituição vai à breca. Agora também não é ter na Instituição só prêmio Nobel, isto eu aprendi com o Travassos, quer dizer, cada um é capaz de fazer alguma coisa quando é honesto e quando se pode fazer. Então tem é que fazer isto: colocar cada um no seu lugar e não tem nada de dar o lugar de porteiro a um..., dar o lugar de cientista a um camarada só porque é bonzinho ou porque tem padrinho. Isto é que está errado.

Márcia – Professor, o senhor, saiu de lá então em 1970, se aposentou ou foi aposentado naquela lista?

HSL – É. Eu fui aposentado naquela lista. Agora da Escola não, da Escola foi muito engraçado. Na escola eu não tinha ... o Tarso (não sei se isso interessa a senhora), nós nos opusemos ao diretor do Instituto e quando o diretor ..., é fácil compreender. Nós nos opusemos porque ele era um sujeito desonesto, visivelmente desonesto. Nós tivemos todas as raças de diretores: melhores, piores, desde o Osvaldo Cruz, desde Aragão que era um sujeito que tinha uma dedicação enorme até outros que não eram e que não preciso citar o nome e que eram mais ou menos medíocres, mas todos honestos, todos absolutamente honestos, incapazes de se aproveitar do cargo de diretor. Agora, chegou o Dr. Lagoa e com quinze dias de diretor mandou a camioneta com os pintores e tinta pintar a casa dele em Petrópolis (eu me dava muito com ele, o Rocha Lagoa foi meu auxiliar de ensino na Escola de Veterinária, de maneira que já protegi-o muito). Eu sei disso porque um dos pintores, um pobre pintor daqueles, que era muito meu camarada e que de vez em quando me pedia uns cobrinhos emprestado (me pagava sempre, era um sujeito muito bom) foi lá para me pedir cinco mil réis emprestados para poder almoçar em Petrópolis, porque o diretor tinha-o mandado pintar sua casa lá e ele não tinha dinheiro para comer.

Nós nos opusemos a ele, opusemo-nos de frente, com toda evolução, porque o nosso amor pelo instituto era maior do que estas coisas. Então ele tentou, colocou-

nos três processos em cima e quando teve a comissão de inquérito, todos ficaram admirados. Um deles era processo de julgar negócios de verbas do Conselho de Pesquisa, da fundação Ford que tinham dado para eu aplicar e a comissão ficou até admirada de como aquela gente tinha contas tão bem feitas, quem recebe dinheiro de americano e não presta conta bem feita é porque é burro, senão não recebe mais nada, eu tinha que dar.

Estas três comissões de inquérito não considero. O Gaita (?) foi ser Ministro da Saúde aí foi a conta, aí nós não agüentamos mais, não pudemos mais.

No Km foi muito engraçado porque eu ...

Márcia – O senhor foi aposentado no Km?

HSL – No Km eu me aposentei porque aconteceu o seguinte lá, uma coisa muito triste. Eu sempre achei que um professor não deve se valer da sua posição de professor para ter a menor interferência na atividade, não em política geral, inclusive na política estudantil. Eu sempre achei que o professor não tinha direito de dizer assim aos alunos: o diretor fez mal isso, os alunos que decidam se ele fez mal ou não, que façam greve ou não ... Eu procurava esclarecer algumas coisas de greve e tal mas sem fazer interferência, usando a minha posição e nunca fui em aula ...

De forma que lá no Km eu não fui chamado nem para depor em coisa nenhuma, houve inquéritos tremendos lá, o reitor estava preso no paiol de pólvora, uma coisa terrível, mas como acontece em todo grupo, alguns eram homens com H maiúsculo e se mantiveram na linha, mas uns dois ou três foram tão sabujos, querendo levar vantagem, que eu me aborreci com aquilo e como tinha tempo para aposentadoria e era muito penoso para mim que nunca fui forte, logo em 64 pedi a minha aposentadoria. Esta veio de dois meses, eu pedi em julho ou agosto e veio em outubro, mas em Manguinhos não, foi ...

Márcia – Durante o tempo em que o senhor trabalhou em Manguinhos, apesar das dificuldades que o senhor descreveu havia boas condições de trabalho?

HSL – Havia muitas condições de trabalho. Nós tínhamos uma maravilha de biblioteca e um grupo muito bom no tempo do Travassos...

M.C. – Não refletia sobre este grupo o clima de..?

HSL – Não, isso até 1964. Depois ficou muito ruim. Depois nós tivemos uns diretores muito bons lá, o Amilcar Martins, Leopoldino Cavalcante, gente muito boa, a coisa, era muito mais amenizada. Mas em Manguinhos nós nunca tivemos dinheiro para excursão, o Travassos às vezes conseguia algum dinheiro para excursão, mas à duras penas, fazendo camaradagem com o pessoal lá de estrada de ferro, aquele Lutz (?) da estrada de ferro de noroeste. Eles botavam (vários vagões) à disposição, aquele tipo de excursão penosa, nós nunca tivemos muita facilidade em Manguinhos.

Logo que eu fui para Manguinhos havia uma certa facilidade em dinheiro porque havia uma chamada verba da mangueira, o instituto tinha determinados produtos que vendia. Destes produtos eram prestadas contas, muito bem prestadas, porque os diretores faziam muita questão disso e muito material era comprado com aquela verba.

Depois de um certo tempo pra cá este dinheiro era recolhido ao tesouro e as verbas eram dadas diretas. Esta é a dificuldade de verbas, a ciência do Brasil só irá para frente realmente quando os diretores da instituição tiverem uma conta no banco para comprar coisas, ninguém faz todos os planos, é claro, faz plano mas conta para compra individual, mas não assim: duzentos mil reis, dinheiro mesmo para poder contratar gente, para poder fazer excursões, para poder comprar livros porque a biblioteca de Manguinhos está...

Márcia – Dinheiro à disposição do diretor de Manguinhos e no caso da Universidade quem seria o responsável?

HSL – Dinheiro à disposição do diretor para prestar conta e ir para a cadeia se não prestar direito. E no caso da universidade, o chefe do departamento seria o responsável. O pessoal da biblioteca, por exemplo, quando um professor chegasse e dissesse: na

livraria tal tem um livro que a gente precisa ter aqui, eles tinham que comprar na mesma hora, eu fazia em Manguinhos algum tempo assim. Lembro-me do livro do Mair(?), o frei Thomaz estava doido para lê-lo, passei na porta de uma livraria e vi o livro, falei lá e mandaram buscar, o frei Thomaz ficou todo contente. Isto é possível fazer e deviam fazer de cara, acho que a ciência no Brasil só irá para frente no dia que a gente quiser.

Eu no ano passado estive seis meses no Canadá e me lembro de um fato que vou contar: eu trabalhava no melhor emprego (não e só brasileiro que tem este hábito de dar boa hospedagem, todo mundo tem), numa seção em que o chefe era muito meu amigo, nós nos correspondemos há muitos anos. Eram seis enterologistas que trabalhavam nessa seção e com todos os seis eu me correspondia muito, foi uma camaradagem enorme. Eu recebi um material de Washington para estudar (eles tinham muita possibilidade de receber material de toda parte, tem telefone ligado direto com o Departamento de Agricultura de Washington). Eu precisava ver os bichos (eles me pediram isso pelo telefone, depois me mandaram um ofício porque tem muita prática disso. Outra coisa, a burocracia nessa universidade é uma coisa triste, devia ser resolvido por telefone, depois a gente subscrita o negócio, manda o ofício que precisa, para ficar tudo arquivado direitinho, mas a resolução pode ser feita, homens de bem podem resolver coisas pelo telefone, não precisa de reuniões nem nada, mas lá eles faziam). Então o Petterson, que era o chefe da seção, trouxe o melhor microscópio da seção para eu estudar esse material que tinha vindo de Washington e que precisava desenhar. No dia seguinte queima a lâmpada do microscópio. Petterson era um homem alto, gozado, coçou a cabeça e disse que não havia nada. Pegou aquela lâmpada, foi ao almoxarifado (devia ser oito, nove horas quando cheguei e a lâmpada estava queimada) e ele disse: ah, que pena, não tem estoque no almoxarifado, mas de tarde está aí. Quer dizer, o almoxarife tem a capacidade de telefonar para uma firma no comércio, mandar trazer aquele material, entregar porque o trabalho precisa ser realizado e botar a conta no... Por que não se faz isto aqui? Me diga, por que que não se faz? Agora, tem que ter uma pessoa responsável, não pode ser um sujeito que diz: eu preciso disto ... Ia interromper o serviço, aquele microscópio só funciona com a lâmpada, eu precisava desenhar, só podia desenhar comprando uma lâmpada daquela. Isto é que mata no Brasil e pra isso não precisa grandes verbas, precisa é ter crédito, saber aplicar,

alguém tem que ser responsável, isso, aqui não há, porque a tal comissão de contas é um jeito de permitir uma porção de coisas ilícitas, eu sei, se faz isso aí. Eu me lembro que uma vez fui numa excursão, havia na Escola de Veterinária ainda aqui no Maracanã um curso de aperfeiçoamento e eu estava dando um curso para dois colegas que precisavam desse curso para serem promovidos. Então fizemos uma excursão a Foz do Iguaçu e lá, para estudar Histologia, íamos colecionar material. Tivemos uma verba, não sei quantos contos eram. Nós tínhamos que ir: Central do Brasil até São Paulo, Estrada de Ferro até Presidente Epitácio e depois um naviozinho até Guairá e depois outro navio até Foz do Iguaçu, e isso de volta, e nenhum desses transportes dá comprovante. Então um dos rapazes que estava fazendo o curso, era um funcionário muito experimentado, contei a história pra ele e ele me disse que não tinha nada não, a gente faz esta prestação de contas com a maior facilidade. Chegou em Foz do Iguaçu, pegou uma pessoa conhecida e pediu nome de chofer e caçador. Nós íamos fazer tudo: caçar, apanhar bicho, fazer as coisas todas, mas chofer e nome de caçador... Então ele fez o recibo na hora, prestou conta, porém eu peguei um caderno e anotei as nossas despesas, para minha defesa, pois se há um troço qualquer... Mas não está errado uma coisa dessa? Se eu faço isso porque precisei fazer, quanta gente pode fazer isso para botar o dinheiro no bolso? Isso é que está errado; neste setor de trabalho não pode haver isso, tem que haver um outro sistema, tem que dar responsabilidade a cada um e o jeito é este: nas universidades e nos institutos, as pessoas responsáveis terem uma verba para poder... é o tal negócio de verba de pronto (?) pagamento, mas exigir que demonstre que a verba foi gasta, o que não é tão difícil assim e depois é o tal negócio: por que que não botam só pessoas honestas? O mal dessas coisas é que em qualquer parte do mundo o sujeito é ladrão depois que faz alguma coisa e no Brasil o sujeito tem que provar que não é ladrão, assim não dá, nenhuma pessoa honesta é capaz de trabalhar assim.

Márcia – Professor, o senhor saiu de Manguinhos em 70. O que senhor faz de lá até agora?

HSL – Eu fui para o Museu Nacional, onde eu sempre tive muitos amigos, inclusive aquele pessoal que hoje está graduado no Museu Nacional, eu estava na banca de concurso quando eles entraram.

- M.C. – Como o senhor entrou para o Museu Nacional? O senhor foi contratado?
- HSL – Eu não podia ser contratado pois fui cassado e foi muito engraçado porque estava lá como diretor o Araújo Feio, não sei se a senhora chegou a saber disso. Logo que fui para o Museu Nacional, consegui que levassem esta família de díptero que estudo para poder continuar trabalhando, mas fiquei com a preocupação de não poder ir em dias muito certos, para não comprometer o pessoal lá, pensando que pudesse ... Mas o Feio soube disso, mandou me chamar e disse que eu fosse a hora que quisesse. Eu tenho meu laboratório lá mas ia só umas três vezes por semana, e comecei a trabalhar em casa com redação de trabalhos, a minha bibliografia está toda em casa. Só vou ao Museu para fazer os desenhos dos bichos e visitar uma coleção que está lá.
- Márcia – O senhor tem se referido tanto ao desenho ... o desenho e uma alternativa para a fotografia ou é ...
- HSL – No nosso tipo de trabalho a fotografia auxilia um pouquinho porque a reprodução fotográfica das revistas é muito deficiente de modo que nós temos que fazer desenho a traço, que saia até no papel jornal. Sessenta por cento dos meus trabalhos é desenho, impressão, porque os bichos com que trabalho são bichos muito parecidos, mas todos eles tem os órgãos genitais muito diferentes de uma espécie para outra, de modo que e preciso desenhar com muito detalhe macho, fêmea e larvas (também as larvas são muito importantes e as fêmeas tem larvas no útero). São elementos que a gente tem que usar na discussão, na caracterização dos grupos, na filogenia daquele grupo todo. O desenho é fundamental, a fotografia não dá para representar, são coisas muito pequeninas. Estas fotografias, **scannings(?)**, eletrônicas, dão muito bem, mas nós não temos aqui (eu vi inaugurar e funcionar, é uma beleza). Ela que faz a preparação, bota, aparece no écran e quando está o bom **(?)** a gente bate a fotografia, isso é uma beleza. O que nós temos que fazer aqui é um desenho interpretativo.
- Márcia – O senhor poderia falar um pouco sobre este tipo de trabalho?
- HSL – O detalhe é o seguinte: com este sistema de trabalho eu consegui entre 1970 e 1976,

publicar pelo menos três vezes mais do que publicava antes.

M.C. – Trabalhando no Museu Nacional e em casa?

HSL – Porque aí não tinha banca de concurso, ninguém me amolava com reunião.

Quando eu estava no Canadá me convidaram para dar um curso aqui na Universidade Santa Úrsula e isto eu achei uma elegância muito grande – na época em que eu não podia fazer nada, uma Universidade Católica me convida. Eu achei muito bacana e por isso sou muito grato a todos aqui. Nesta época a madre Fátima que era a chefe do Departamento de Biologia daqui, uma pessoa extraordinária, de grande atividade e de uma bondade enorme, os estudantes adoraram-na, foi eleita a superiora da ordem provincial e com isso não podia mais ficar no departamento, tinha que viajar muito, e por isto me fez o convite para vir para cá e eu aceitei e estou muito contente aqui, é claro.

Márcia – O que o senhor estava fazendo no Canadá? Como é que o senhor foi?

HSL – A história do Canadá é muito engraçada. Num dado momento, eu recebi uma carta de um amigo de muitos anos que estava lá, chamado **Schovel(?)** com quem me correspondo há trinta anos. Ele me escreveu dizendo que havia um convênio entre o Brasil e o Canadá para troca de cientistas, e que tinha uma coleção enorme de toda América, desde o México até a Patagônia sem ninguém trabalhando nela. Perguntou se eu não queria passar um ano lá para estudar a coleção. Pensei cá comigo: o Conselho de Pesquisa é o responsável pela permuta, o que que ele vai dizer ao Canadá a meu respeito, que não podia me mandar?

M.C. – Isto foi quando, professor?

HSL – Foi no começo de 1975. Resolvi aceitar para ver o que ia acontecer. Aconteceu que o Conselho de Pesquisa engavetou o processo, mas o pessoal do governo soube que eu tinha sido convidado, porque por mais afastado que eu esteja, tem sempre alguém que me conhece e sabe da molecagem que fizeram comigo e que querem, sobre certos aspectos me compensar. Então o Conselho de Pesquisa recebeu do

Presidente da República um bilhetezinho dizendo que julgassem o meu caso porque politicamente não havia nada contra mim. Eles resolveram me mandar, fui, mas fiquei só seis meses porque o Canadá é muito frio para se passar um ano. Gostei imensamente de lá, tive condições de trabalho que nunca poderia imaginar que tivesse.

Márcia – Foi a única vez que o senhor esteve no exterior?

HSL – Eu já fui uma vez a Argentina. Nunca fui a congressos, não sou muito ligado a estas coisas. Tenho viajado muito pelo Brasil, conheço o Brasil quase todo, mas as minhas custas, colecionando, posso contar nos dedos as excursões que fiz.

M.C. – O senhor não acha que para a sua especialidade este tipo de contato não faz falta?

HSL – Faz falta, é claro, mas o tipo de contato para o desenvolvimento da gente não faz falta, agora e agradabilíssimo. Eu nunca tinha ido a um congresso internacional e fui a Washington no congresso de lá onde conheci, por exemplo, David Rool(?), conheci-o durante a guerra, ele veio aqui, estava no hotel dos estrangeiros, e pediu ao pessoal da Rockefeller para me localizar porque eu escrevia pra ele, nesse tempo eu tinha vinte e poucos anos, ele queria me levar naquela época para os Estados Unidos e eu não quis ir porque nunca gostei muito de sair, sempre fui muito agarrado a família, isto é que é mais um problema. Agora é que encontrei o David Rool(?) lá, quarenta e tantos anos depois, tiramos uma fotografia juntos, isto tudo é muito importante, mas para o trabalho mesmo em si não.

Márcia – O senhor no Canadá ficou estudando estas coleções?

HSL – Fiquei estudando, determinando e separando estas coleções e trouxe todas as novidades para estudar aqui. Trouxe seis caixas de bichos. Vou levar uns cinco anos para estudar.

M.C. – O senhor falou que no instituto de Biologia Vegetal, o senhor trabalhou com entomologia e também com parasitologia?

HSL – Não. No Instituto de Biologia Vegetal, eu trabalhei com entomologia só. Agora, parasitologia eu era assistente do professor Travassos, na Escola de Veterinária.

M.C. – O que faz um entomologista e um parasitologista? Qual a relação que existe?

HSL – Uma das partes mais difíceis na parasitologia é a transmissão de doenças parasitárias por intermédio de artrópodes, desde os carrapatos até as moscas, mosquitos. O estudo da entomologia é importante porque abrange uma área muito grande de coisas muito diversas que são pulgas, piolhos, moscas, carrapatos, mosquitos, então a entomologia é muito importante na parasitologia.

M.C. – O que o entomologista faz com estes insetos? Ele classifica?

HSL – O entomologista tem que conhecer os bichos. No Brasil infelizmente, as espécies estão todas por descrever. Tem que começar descrevendo as espécies, se elas não existem, tem que catalogar, caracterizar, descrever e colecionar material e quando pode, estudar o comportamento desses bichos, como estudar as larvas.

Eu tenho estudado sempre bichos com todos os aspectos: as larvas, como vivem, como eles são parasitas. Há bichos, por exemplo, parasitas de gafanhotos; há dípteros parasitas de moluscos, que são controladores.

Aqui na nossa região nós não temos nuvem de gafanhotos, mas onde há nuvem de gafanhotos, eles são controladores do tempo. Há bichos que botam as larvas na água quando os gafanhotos estão voando, outros que botam as larvas nas posturas dos gafanhotos. É muito importante: o entomologista estuda todas essas coisas.

Márcia – Estuda também, a fisiologia dos insetos?

HSL – Sim. Tem alguns que se dedicam exclusivamente a fisiologia dos insetos. Aqui no Brasil, ninguém estuda a fisiologia e sim mais morfologia e filogenia sistemática, taxionomia.

M.C. – Por que aqui no Brasil ninguém estuda a fisiologia dos insetos?

- HSL – Porque são técnicas muito delicadas, mas não é bem do entomologista e mais do fisiologista. O entomologista se vale dessas noções todas. Para ser fisiologista é preciso ter boa base de bioquímica, de histologia.
- M.C. – Professor, o senhor falou sobre o problema de Manguinhos e de uma série de outros Institutos em ter gente nova. Mas em Manguinhos havia cursos. Como é que funcionavam aqueles cursos?
- HSL – O famoso curso de Manguinhos, Curso de Aplicação pra nada foi um curso que valeu muito para ilustrar esse pessoal de laboratório de análise, mas quase ninguém fez esse curso, foi pouca gente. Porém, antigamente, no tempo de Osvaldo Cruz era obrigatório fazer curso. Todo aquele pessoal tinha que ficar com aquela especialização muito intensa no sentido, sem ter nada. Mas, nós tentamos fazer cursos lá. No tempo do Amilcar Martins, por exemplo, fizemos cursos de micologia, microbiologia básica, porém, não adianta muito não, porque Manguinhos não tinha contato com a universidade. Hoje em dia só há um processo de botar gente dentro de uma instituição: é ter uma ligação íntima com o estudante dos primeiros anos. E eu acho que devia ir um pouco mais além, as instituições deviam fazer propaganda do que elas trabalhavam no ginásio, durante o tempo de científico para os alunos perceberem e se inclinarem, isto é, se habituarem com a idéia de trabalhar no laboratório.
- Márcia – Os cursos de Manguinhos não se destinaram aos alunos?
- HSL – Os cursos de Manguinhos não adiantaram nada, pois os alunos que iam para lá, eram alunos que não tinham nada para fazer, então iam fazer curso. O negócio tem que ter a ligação na Universidade. A instituição isolada hoje já é uma tendência, ela tem que estar ligada à Universidade. O que está matando a pesquisa na universidade é o excesso de aluno. Tem tanto aluno que o professor não tem tempo de fazer pesquisa, então não faz. Quer dizer, ele tem que estar só atendendo aos alunos. Então, há uma tendência moderna de fazer instituições isoladas. Essa instituição tem que ter uma porção de ligações. Lá no Instituto em que eu trabalhava no Canadá, eles tinham uma ligação enorme, muitas ligações. Todos os professores

daquele setor estavam sempre lá, tinha sempre ligação. Agora, esse é um país civilizado. Aqui é um pouco diferente. Os meninos aqui não têm muita ligação com coisas de cultura, já se saturam na universidade, é um pouco diferente...

Márcia – Já que o senhor falou nisso, o senhor começou a contar sua vida pela entrada no Curso de Veterinária. O senhor sofreu algum tipo de influência ainda na escola secundária, na escolha de sua carreira?

HSL – Não. A primeira pessoa que me atraiu foi o Travassos. Apesar de eu ter nascido no Rio de Janeiro vivi muito tempo na roça. Meu pai tinha um sítio aqui na serra do Mar e a minha vida era sentar no lombo de cavalo, trepar nas árvores, eu tinha uma vida muito ao ar livre. Eu sempre gostei de criar caramujos, gostava de ver a postura, meu pai gostava de trazer borboletas para gente, bichos e outras coisas.

2ª ENTREVISTA COM O PROFESSOR

HUGO SOUZA LOPES

Fita nº 2 – em 15/06/77

Presentes: Márcia e Maria Clara

Márcia – Professor, a gente andou dando uma olhada nisso aí e tinha umas coisas que nós gostaríamos mais de explorar. Seria mais ou menos a gente entender o funcionamento de cada um dos lugares onde o senhor trabalhou, quer dizer, o Instituto de Biologia Vegetal, a Veterinária, a Universidade Rural, o Museu Nacional, a Santa Úrsula e Manguinhos. Seria interessante o senhor esgotar o assunto, talvez, em cada uma delas.

HSL – O Instituto de Biologia Vegetal foi fundado abrangendo o Jardim Botânico e havia 4 seções: uma seção de Botânica Sistemática, uma seção de Entomologia, uma seção de Fitopatologia e uma seção de Fisiologia Vegetal. Foi chamado para dirigir esse instituto o professor Costa Lima e o instituto era subordinado a uma central de pesquisas, da qual era chefe, o Arthur Neiva. A organização lá, era de instituto de pesquisa nessas áreas, na Botânica, e a Entomologia era uma Entomologia Vegetal,

mas se fazia qualquer coisa. Havia um chefe de seção e assistentes. A Entomologia onde eu trabalhei era constituída pelas grandes coleções que havia no Instituto de Entomologia Agrícola vindas do Museu Nacional ainda, do tempo de Carlos Moreira e acrescida de uma biblioteca muito boa. Quem trouxe essas coisas do Museu Nacional foi Dário Mendes, que era uma pessoa muito experimentada e que conhece todos os bichos que tem na coleção e os livros todos que interessam na biblioteca. Ele tirou do Museu Nacional uma quantidade de livros muito importantes. “Biologia Central Americana”, a parte de insetos, todos esses clássicos, ele trouxe. E isso foi acrescido de uma biblioteca que foi comprada ao Júlio Melzer que era um especialista em coleópteros e ceramicídios e que tinha uma enorme coleção de coleópteros e uma bibliografia muito boa. Tanto que a nossa biblioteca lá, era muito razoável e ainda está num daqueles institutos lá do Quilômetro 47, uma biblioteca preciosa que tem praticamente, todos os clássicos de Entomologia que possam ser necessários, aqueles clássicos com figuras coloridas, que hoje não se pode reproduzir. Hoje se pode reproduzir xerox de figura colorida, mas já não é a mesma coisa que uma original, não é?

Márcia – E ela era uma biblioteca boa também para as outras seções?

HSL – Não, a biblioteca das outras seções era a do Jardim Botânico, que também era excelente.

M.C. – Cada uma das seções tinha uma biblioteca?

HSL – Não. Havia uma biblioteca Central que era a do Jardim Botânico acrescida de várias coisas, mas nós tínhamos uma biblioteca seccional de Entomologia. Tanto que esse instituto durou até 1940, 1940 e pouco, lá no Jardim Botânico, depois foi transferido para perto da Universidade Rural, o tal Instituto de Experimentação Agrícola, foi então subordinado ao Instituto de Experimentação Agrícola, e para lá foi só o Dário Mendes que continuou, lá até se aposentar, tendo prestado muitos serviços, principalmente que as coleções eram esplêndidas.

Márcia – Por que os outros não foram?

HSL – Os outros não foram porque eles eram da Botânica, que ficou no Jardim Botânico, e Fitopatologia, que eu tenho impressão que desapareceu ou então foi também, para lá. É possível que a Histopatologia tenha ido para lá também, mas eu não creio nisso. O Heitor Grilo era o chefe da seção e também professor da Fitopatologia da escola de Agronomia, então é possível que tenha ido para lá.

Nesse instituto publicava-se uma revista, “Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal”, sendo que saíram uns 4 volumes, talvez. Era uma revista excelente, é pena que essas coisas não tenham continuidade no Brasil. Elas funcionam enquanto tem a pessoa que fabrica, quando essa pessoa vai para outro lado... Temos por exemplo o caso do Costa Lima, enquanto o Costa Lima foi diretor do instituto (ele que era um técnico em comunicação, era especial para fazer comunicação, inclusive, em sua mocidade foi revisor de um jornal. Ele era muito bom mesmo!), saía uma revista primorosa, muito bem feita, mas desapareceu. Agora, as coleções não; as coleções continuaram lá no Instituto de Experimentação Agrícola, onde estão até hoje. São coleções esplêndidas, mas, hoje não tem mais quem cuide. É preciso que as coleções Entomológicas sejam manuseadas diariamente, porque num clima tropical, se elas não são guardadas em ar condicionado em temperatura constante, elas emboloram, e dão pragas. A praga de coleção é uma porção de insetos, portanto essas coleções têm que ser sempre bem olhada.

M.C. – A biblioteca também está mal cuidada?

HSL – A biblioteca, lá no Km 47, estava na seção mesmo, e não tinha sido reunida em outras bibliotecas. Isto foi uma tendência que houve durante algum tempo. No entanto, parece que agora não está muito em moda botar as bibliotecas nas seções.

Eu acho que as bibliotecas deviam ter um fichário geral, uma organização geral, mas as coleções de revistas especializadas e os livros que são necessários, deviam estar sempre perto de quem trabalha. É muito mais fácil de consertar e manter. É só ter uma pessoa encarregada da biblioteca numa seção, para não deixar levar livros, para não deixar dar praga.

Márcia – Essa biblioteca tinha assinaturas de revistas estrangeiras?

- HSL – Tinha e era uma enorme biblioteca de separatas também. Era muito especializada. Havia permuta com revista e todo instituto que tem permuta tem que ter uma boa... A biblioteca da Academia de Ciências possui uma porção de coisas raríssimas porque são feitas com os volumes dos anais e agora da Revista Brasileira de Biologia.
- Márcia – E essa revista publicava artigos basicamente dos pesquisadores do Instituto ou tinha artigo de fora?
- HSL – Publicava artigos do Instituto e de fora também. Toda revista que tem esse tipo de publicação, tem que acertar a publicação de um bom artigo de fora, quando aparece. Às vezes, um trabalho baseado em material do Instituto é praticamente, obrigatório a publicação.
- M.C. – Qual o critério para avaliar se um artigo era bom ou não?
- HSL – Havia a comissão de relação.
- Márcia – O padrão de qualidade se manteve estável?
- HSL – Manteve-se, porque a revista foi muito pequena.
- M.C. – Durou quantos anos?
- HSL – De 4 a 5 anos.
- M.C. – E manteve-se estável?
- HSL – Sim. Durante o tempo em que ela foi publicada.
- Márcia – Ela acabou junto com o Instituto?
- HSL – Ela era arquivo do Instituto de Biologia Vegetal. O Instituto acabou e a revista

também. Por isso, que é muito bom a revista ter um nome, sem ser o nome da instituição, porque assim a instituição muda de nome, mas a revista fica a mesma coisa.

Márcia – Essa decisão de transformar o Instituto de Biologia Vegetal num Instituto de Experimentação Agrícola foi...?

HSL – Não, não foi mista (?). Ela era no Jardim Botânico sendo transferida para a Universidade Rural, no Km 47.

M.C. – Mas, ela foi simplesmente transferida?

HSL – Sim. Nessas organizações do Ministério da Agricultura, ninguém é ouvido, sabe como são essas coisas. Coisas de gabinetes de ministro. A gente ouve falar que vão fazer e fazem mesmo. A gente ouve falar, às vezes em 10 coisas diferentes e uma delas fazem, e fazem sem dar a menor atenção a pessoas que deveriam cuidar disso.

M.C. – Sem nenhum tipo de consulta aos pesquisadores?

HSL – Ah! Sim. E porque isso foi em 40 e pouco e não havia...

Márcia – Como eram chamados os pesquisadores para o Instituto de Biologia?

HSL – Nesse Instituto de Biologia foi convidado para chefe de seção o Frei Thomaz Bongmeier vieram do Instituto de Entomologia Agrícola, na Praia Vermelha, dois técnicos que eram o Dário Mendes, que era primitiva mente do Museu Nacional, e o Oliveira Marques que era o que estudava só Entomologia Agrícola e que tinha uma série de trabalhos sobre praga da agricultura. Eu fui convidado, já pelo Costa Lima que era o diretor, como auxiliar técnico porque eu era estudante, e um outro da mesma categoria, tinha esquecido, era o José Francisco de Zican(?), entomologista famosíssimo, era um colecionador de 1ª e morava em Itatiaia. De fato, tinha essa coisa de interessante; a seção era no Jardim Botânico, mas um dos auxiliares técnicos trabalhava no Itatiaia. É que ele morava lá, e então tomava conta

dos Insetos da chamada “Estação Biológica de Itatiaia” que também fazia parte desse instituto. Um apêndice desse instituto era a Estação Biológica de Itatiaia que era uma beleza naquele tempo e hoje ainda é uma coisa muito boa, mas, que era muito bom porque tinha alojamento e nós íamos frequentemente lá colecionar. Eu me lembro, que passávamos, às vezes, semana ou 15 dias lá. Lugar esplêndido para colecionar. De forma, que a organização dessa seção do Instituto era assim. A seção de Fitopatologia tinha também poucos técnicos, 3 a 4 em cada seção. O que tinha mais era o Jardim Botânico: a seção de Botânica Sistemática, tinha o Culman(?) e o Bradd(?) que eram muito bons, eram botânicos de 1ª qualidade.

Márcia – Brasileiros?

HSL – O Culman era brasileiro filho de estrangeiros, mas o Bradd era alemão e tinha também, o Adolfo Ducke, famoso.

Adolfo Ducke também trabalhou lá. E depois o Costa Lima saiu e foi diretor o Paulo Campos Porto. Foi um bom diretor, muito bom. Era um desses homens que tinha uma capacidade de saber o que a gente precisa. Mas, dentro daquela modéstia toda, daquela possibilidade de gastar muito pouco dinheiro, cercava a gente de um conforto enorme, tudo o que nós precisávamos. Quando essa coleção de coleópteros e de bibliografia foi incorporada ao Instituto houve uma história muito engraçada. O Campos Porto já era diretor. Então, o Frei Thomaz soube que tinha morrido esse alemão em São Paulo, que era o Júlio Melzer e que tinha deixado a coleção e que a família queria vender por quarenta contos. O Frei Thomaz foi ao diretor, que era o Paulo Campos portais e disse a ele: “olha essa coleção é uma coisa indispensável para a seção. Temos que procurar buscá-la com grande cuidado, porque se os paulistas sabem que a coleção vai sair de lá, eles não vão deixar, tem que ser mais ou menos escondido se não, não pode vir para cá”. O Campos Porto ficou de dar uma resposta no dia seguinte. E durante à noite telefonou para as pessoas que ele sabia que deviam entender, inclusive para o Dr. Lauro Travasso que era muito amigo dele e o Travasso disse: ah! Essa coleção é valiosíssima. Quarenta Contos está de graça. E o Campos Porto logo no começo da semana foi a S. Paulo e entrou em contato com a família e ela não queria mais quarenta e sim cinquenta. Ele arranhou em São Paulo, com amigos dele, paulistas, os dez Contos que faltavam,

pagou a família e chegou aqui muito satisfeito e disse: olha, Frei Thomaz pega o caminhão e vai lá buscar a coleção. Frei Thomaz pegou o caminhão e foi na boleia do caminhão buscar a coleção e trouxe a coleção e os livros. A coleção ocupou todos os armários que nós tínhamos disponíveis; eram poucos armários, mas ficaram cheios. Uma beleza de coleção. Tinha muitos tipos. Sabe o que é tipo de coleção? Quando se descreve uma determinada espécie, ela tem que estar representada num Museu – é o que se chama olótipo. Então é o exemplar único que é depositado no Museu e que representa a espécie. Isso tem um valor enorme na coleção. Cada olótipo vale mais ou menos umas dez gavetas de coleção. É um negócio desse tipo, mas de valor estimativo, claro; não é em dinheiro. Nessa coleção tinha 600 olótipos. Por isso, é que valia quarenta contos naquele tempo, o que representaria hoje uns Cr\$ 80.000,00 ou Cr\$ 100.000,00, talvez menos.

M.C. – Qual é o critério para se determinar qual é o olótipo?

HSL – Quando um autor descreve uma espécie nova, ele é obrigado por lei a depositar um exemplar numa determinada coleção. Coleção que esteja preservada, mas cada autor deposita no seu país de origem, é claro. Trabalha no Brasil deposita no Brasil. Então deposita no Museu Nacional, no Instituto Oswaldo Cruz, em qualquer lugar em que haja uma coleção. Então, esse exemplar representa a espécie, assim, algumas vezes se pode mandar daqui para uma pessoa, por exemplo, nos Estados Unidos, que está fazendo uma revisão com um determinado grupo, precisa daquele exemplar, para saber realmente o que é para ele escrever, para comparar com o material que eles tem, então, às vezes pede e eles mandam. Alguns Museus mandam, o Museu de Washington, por exemplo, não manda em hipótese alguma. O Museu Britânico só manda para pessoas muito credenciadas e manda um dentro de um pacote, se a gente quer dez bichos tem que receber dez pacotes, cada um por bicho. E se perder, perde um só. É perigoso isso. É o valor desse olótipo que é muito grande. Essa coleção era muito valiosa.

Márcia – O critério de pesquisador, quando ele escolhe para onde vai mandar, é em função do prestígio da coleção em determinadas áreas?

HSL – Por um dever de patriotismo a gente coloca sempre numa Instituição Nacional, cada

qual em sua nação.

Márcia – Mas iam mandar, por exemplo, para o Júlio Melzer ou para o Museu Nacional?

HSL – Não, o Júlio Melzer tinha uma coleção particular. Os olótipos estavam todos na coleção dele. Há uma lei brasileira que impede a saída de uma coleção dessas para o estrangeiro, uma lei brasileira, que não deixa sair. O que é mais engraçado é que essa lei não está sendo possível de ser cumprida aqui. É a 1ª vez que eu vejo uma lei morta, dessas ter valor, no Museu de Nova Iorque não entra um bicho que não tenha a licença do governo brasileiro ou de uma instituição brasileira, nos bichos mandados do Brasil. Isso é muito importante, por exemplo, estavam vendendo peixes fósseis aqui. Já soube desse fato?

Márcia – Não.

HSL – Estavam vendendo peixes fósseis no Ceará, em quantidades, vendiam nas feiras. Eu mesmo vi alguns destes peixes em Parati para vender para turistas. Então, o sujeito dizia: Ah! Esses peixes a gente apanha por aí mesmo. Era peixe do Ceará. Está sendo vendido assim, por toda parte.

Esse olótipo importante, quando é fóssil e muito mais importante, porque, às vezes, é o único exemplar que se pode conseguir daquela espécie que foi por acaso bem fossilizado. Às vezes é impossível se reconhecer qualquer coisa sem ter aquele bicho. Pois bem, esses bichos estão sendo vendidos a turistas. O turista acha muito bonito, bota na janela, vem a empregada joga lá embaixo. Ninguém está ligando para coisa nenhuma. Então, os americanos não estão comprando. Havia uma firma que mandava para fora esses bichos. Em várias partes do mundo, inclusive na América do Norte, você só compra com um certificado de registro de uma instituição que expede. Vamos imaginar, que desses peixes fósseis a gente encontre 500 exemplares, às vezes, 490 podem ser negociados, porque são duplicatas e não têm valor maior. Mas têm valor. Não faz mal que saiam. Mas, no meio desses vem um exemplar que não pode sair. Então, se a instituição Brasileira Oficial disser: este pode ser comercializado, ele recebe, se não, não recebe. Agora não, mesmo material

apanhado, não estão querendo mais, isso é uma saída de material. Agora tem o reverso da história; como no Brasil muitas coleções têm desaparecido e apodrecido, às vezes, um material brasileiro que estivesse com uma Instituição estrangeira seria melhor aproveitada. Eu estava dizendo isso certa vez, no estrangeiro e o sujeito disse: é mais aqui pode cair uma bomba. Aí, no Brasil é menos provável, não é? A vida do homem é mesmo uma incerteza, não tem dúvida. Nós temos é que preservar o mais que possível a nossa obrigação.

Eu acho que do Instituto não tem mais nada. A vida lá foi muito boa, foi o melhor tempo que eu trabalhei (1935 a 1938). Para mim, foi o maior conforto que eu tive no trabalho da minha vida foi lá, porque era uma instituição pequena e todos se entendiam muito bem. Nós chegávamos às 8 horas da manhã e saíamos às 6 da tarde. Almoçávamos os 3 juntos, o Oliveira Marques não era muito chegado, mas o Frei Thomaz, Dario e eu almoçávamos sempre juntos. Na hora da refeição só falávamos o alemão para ver se aprendíamos um pouco, mas nunca consegui. Comecei a aprender o alemão dez vezes. Nunca consegui, pois eu sou uma negação para língua germânica, infelizmente. Mas, tinha esse lado muito simpático. De fato, aquela natureza linda, pela minha janela grande, eu via tanta coisa bonita. E acho que aquilo aumentava a capacidade que eu tinha de me concentrar em fazer coisas. Eu gostei muito dessa época. Para mim foi a melhor época. Quando a gente é mais moço, melhor é para se trabalhar.

Márcia – Além dessas pessoas que entraram no instituto junto com o senhor, na época da criação dele, houve outras pessoas que foram entrando depois?

HSL – Não. Depois não entrou mais ninguém. O Mangabeira fez um trabalho lá, comigo. Trabalho sobre esses insetos **caprificado(?)** do figo. Tinha sim, gente que ia lá trabalhar, porque o Instituto não se desenvolveu. Parou ali. Isso foi uma pena. Antes da seção de Entomologia ir para o Km 47 se pensou em manter uma Entomologia no serviço florestal, do qual fazia parte o Jardim Botânico, era muito interessante. O Brasil já devia ter um Instituto de Entomologia Florestal, porque dentro de uma floresta não há nada mais importante do que os insetos. Mas, seria preciso que se tivesse especialistas em Entomologia Florestal. Em toda parte do mundo existe, só aqui é que não.

Nessa época eu saí dali para fazer concurso na escola de Veterinária. E a Escola de Veterinária funcionava no Maracanã. Era uma escola naquele tempo, com bons e maus professores. Os alunos eram como os de hoje, alguns muito interessados e outros que não queriam nada. Parece que faziam questão de ter um diploma que papai quer, aquela mesma história, o mesmo panorama; naquele tempo não era diferente do de hoje, havia mais chance para o aluno, mas, a afluência de alunos era a mesma coisa. Enquanto estava na Escola de Veterinária, eu mantive o meu laboratório no Instituto Oswaldo Cruz, na seção de Helminologia. Continuei a trabalhar lá, não interrompi meu trabalho. Levei parte das coisas para lá, os bichos que eu trabalhava e continuei meu trabalho na seção de Helminologia, do Instituto Oswaldo Cruz, do qual era chefe o professor Lauro Travassos com que eu já tinha começado, quando eu vim para o Instituto de Biologia Vegetal eu já vim depois de ter trabalhado. Em 1931 e 32 eu trabalhei com o Dr. Travassos lá. Então continuei, ia à escola dar as aulas, mas meu trabalho de pesquisa era feito no Instituto Oswaldo Cruz. E lá eu comecei a fazer uma coleção enorme. De 38 até 70 eu trabalhei nessa coleção. Atualmente, estão preservando. Ainda ontem eu estive com a pessoa que está cuidando, mas não é um técnico, é uma pessoa que entende um pouco de coleções, porém não é um Entomologista. A coleção precisa ser manuseada, precisa que cada bicho de vez em quando, pelo menos uma amostra de uma determinada gaveta, a gente tenha que olhar no microscópio. Às vezes começou um fungo e nós providenciamos colocando desinfetante, e tirando aqueles exemplares que não são tão importantes.

Sabe como se dá fungo na coleção? Aparecem uns esporos. Começam na forma vegetativa, e depois dá a esporulação. Aquele esporo estoura e contamina mais 50 bichos. Cada um desses bichos, no fim, digamos de 3 a 4 dias forma aquelas bolotinhas de esporos contaminando mais um. Só que em 1 mês podem os bichos estar todos perdidos. Mas, quando começa e tem gente olhando, há sempre possibilidade de mergulhá-los numa substância que mate o fungo, o próprio xilol e o clorofórmio já resolvem. A coleção precisa ser trabalhada. É como um livro de biblioteca que é muito usado, nunca dá caruncho. Toda biblioteca que dá caruncho é porque não está sendo usada.

M.C. – Essas coleções são importantes, também para um trabalho que não seja apenas taxonômico?

HSL – Bem, hoje em dia o valor da coleção está sendo cada vez mais apurado, porque não há trabalho nenhum que possa ser feito sem uma base de coleção, seja ela animal ou vegetal. A referência é indispensável num tipo de coleção.

Vamos imaginar: um indivíduo trabalha durante 5 anos observando uma determinada espécie, o estrago que ela faz, o ciclo evolutivo, quantas gerações ela dá por ano, estudou, colocou no microscópio eletrônico e encontrou uma porção de coisas interessantes da estrutura daquela espécie. Tem milhões de observações. Mas tem que ter um exemplar que esteja na coleção. Porque o indivíduo pode pensar que essa espécie se chame “tal” e ela não é nem daquele grupo. Só um especialista pode dizer.

Cada vez mais a definição das espécies, eu um dia desses estava dizendo para os alunos, vocês podem encontrar centenas de definições de espécies, mas todas têm sempre um defeito. A única definição boa de espécie é: espécie é um grupo de indivíduos especialistas em **espiar espécies (?)**. Depende da experiência dele, é uma coisa subjetiva, só que a representação de cada um nasce de um só.

Eu agora estou trabalhando no material de galapa. Recebi mil bichos de galapa do Museu da Califórnia e trouxe alguns bichos do Museu de Nova Iorque. Pois bem, eu tenho os bichos referidos em 1924 por Jonhson, que é um dos bons trabalhos feitos sob a forma de galapa, eu tenho esses bichos e está inteiramente errado aquilo tudo que ele disse, ele identificou errado a espécie. Naquele tempo, era muito difícil identificar aquela espécie. Hoje já se pode saber, com segurança. Então, esse material do Museu não e nem um olótipo nem **(?)** foi referido num trabalho.

E depois acontece o seguinte: quando a gente diz que um determinado bicho está numa região, aquele bicho fica assinalado ali. Para dizer que ele não existe ali, nem colecionando 50 anos. O sujeito pode dizer: “Não é um bicho raro que não apareceu mais”. Entendeu qual é? Dizer que não tem, é muito mais difícil que dizer que tem. Então, quando a gente diz que tem e diz que viu esse bicho e esse bicho está numa

coleção, qualquer pessoa pode ir lá e ver se aquele bicho é realmente o que ele está dizendo. Então a coleção cada vez tem mais valor e os países civilizados do Mundo, tanto faz os países capitalistas como socialistas, dão um valor enorme à coleção, é uma coisa! Lá no Canadá, eles têm muito cuidado, pois a coisa mais importante do Instituto, que é a base de toda a agricultura do Canadá, é a coleção. Tem técnico para preservar a coleção, ela está sempre em temperatura constante, e os armários cada vez estão melhores. Agora estão substituindo as caixinhas. Já viu como é uma coleção? São pequenas caixas, cada uma com o espécime dentro de gavetas que fecham bem. Lá não é preciso fechar bem porque é tudo calafetado, tem calefação. Então não precisa que a gaveta feche bem, mas aqui no nosso clima, em Manguinhos, mandávamos fazer gavetas que fecham muito bem e ainda botávamos parafina no lugar que a tampa da gaveta encosta na outra. Com esse calor é preciso estar munido de uma faquinha para poder levantar a caixa que fica colada. É o único processo, quando não há temperatura constante.

Márcia – O senhor falou em novos métodos de classificar as espécimes. Quais seriam essas experiências?

HSL – Como novos métodos?

Márcia – O senhor falou que antigamente era muito difícil uma pessoa às vezes, acertar a espécie e hoje em dia ...

HSL – Ah! Sim é claro. Depois do microscópio eletrônico se pode ver muitas coisas que não se via antes. Mesmo o microscópio de luz, os microscópios atuais se vêem muito mais coisas. Cada vez que o corte óptico fica mais fino na observação mais coisas a gente vê. A superposição dos cortes ópticos não dando uma projeção, uma em cima da outra, com essas lentes mais modernas se vêem muito mais coisas. Então o que eu mesmo era há 10 anos atrás, eu posso ver melhor hoje, tanto que o material cada vez tem mais valor. Então, quando se faz uma preparação de um bicho guarda-se aquela preparação, todas as coisas têm que ser guardadas. Isso é que é o verdadeiro patrimônio de cada instituição. Como se guarda o livro de uma biblioteca, se guarda o material, tem um valor equivalente, sendo que o livro pode ser impresso 500 exemplares mas o bicho, cada um é um só, então tem que ser

preservado com mais cuidado.

M.C. – O Instituto de Biologia Vegetal, enquanto instituição e vocês enquanto pesquisadores do Instituto, tinham contato com o exterior frequente? Como é que era esse contato?

HSL – Muito contato. Porque as revistas estrangeiras estavam na biblioteca, e depois uma das coisas boas da política desse Instituto foi mandar determinar bichos fora, porque qualquer Instituto não adianta ter só a coleção com bichos sem nomes. Então, por exemplo, o Instituto tinha um especialista em formigas que era o Frei Thomaz, que também estudava uma grande família, mas de bichos pequeninos, de dípteros, de mosquinhas. O Dario Mendes estudava uma série de coisas como borboletas, coleópteras e tinha uma área mais geral, mas só em determinadas coisas. O Azevedo Marques estudava coisas de Entomologia Agrícola e eu estudava o díptero **acaliptrado** ou sarcófagídeo. Então era uma gota d'água no oceano que nós fazíamos. Mas as coleções estavam chegando e já existiam coleções. Então nós separávamos bichos e mandávamos aos especialistas e estes mandavam de volta esses bichos. De forma, que a coleção cresceu muito com o trabalho de gente de fora, porque quando se tem uma boa coleção e uma boa organização, um Instituto faz que todo mundo trabalhe para ele e trabalhe de graça, só com o porte do correio. E qualquer especialista gosta de receber uns bichos quando fica com a metade desses bichos e pela ética Internacional cada bicho que estudo, eu tenho o direito de ficar com o 2º, 4º, 6º e 8º. Se eu tenho 6 bichos eu posso ficar com 3 (três) pela ética.

Márcia – Isso é uma lei informal ou é um código formal?

HSL – Isso já é uma coisa estabelecida em todo mundo, é formal, ninguém admite de outra maneira. O pagamento que cada pessoa recebe é ficar com as duplicatas. Agora, quando tem dez exemplares todos eles de dez espécies diferentes, o autor não fica com nenhuma. Devolve todas. Aquilo é patrimônio da instituição. Então, se determinou muito bicho fora, tínhamos uma relação internacional muito grande.

Márcia – Vocês daqui também prestavam esse tipo de serviço a outros institutos?

HSL – Também determinava. Frei Borgmeier que era um especialista mais graduado determinava formigas de folidae para todo mundo e ficava com o material. Eu, por exemplo, tenho agora, está no Museu Nacional, uma coleção de bichos da Austrália, estudei muito bicho da Austrália. É uma das boas coleções do mundo de bichos da Austrália guardadas, só de duplicatas, Eu ficava religiosamente com todas as duplicatas de vários lugares que eu recebi, da Austrália, da Micromésia. Todo esse material representa uma coleção muito valiosa e está aqui. Até vou pegar uma duplicata dessas duplicatas, e vou mandar para o Canadá, porque eu prometi a eles, pois eles lá têm a preocupação de estudar a fauna mundial. Também, nós temos que ter, porque há uma praxe, um processo mais lógico. É muito mais interessante em vez de estudar muitas famílias de insetos ou de animais, é muito melhor estudar a fauna do mundo, duma família só. A experiência que a pessoa adquire naquela família, e a capacidade de raciocinar vendo bichos de outras faunas fazem com que o trabalho fique muito melhor. Já foi tempo de se especializar, a fauna oriental não quero saber. A gente tem que saber. Tem que estudar todas as faunas, desde que isso seja possível. Já há essa tendência no mundo todo, não conseguir se especializar num grupo definido, mas em toda as faunas. Isso nós começamos a fazer lá.

M.C. – Vinham pesquisadores de fora do Instituto, também?

HSL – Não! Isso no Instituto Oswaldo Cruz não era visto.

M.C. – Como é que era?

HSL – Eu fui para o Instituto Oswaldo Cruz em 1931, depois saí, voltei em 38 e fiquei até 70. No começo as relações internacionais eram muito apuradas. No tempo do Chagas, do Cardoso Fontes, vinham muitos estrangeiros não só ver coleções como participar de expedições. Isso tem sempre, porque não há estrangeiro que não queira vir. E houve coisas assim, por exemplo, o Dr. Adolfo Lutz tem trabalhos muito importantes, pioneiros, com os borrachudos, nas cupiras, nos tabanídeos, tucus, (hipopígio) e tantos outros. Então, por exemplo, para eu trabalhar nos tabanídeos veio o Terchaine (?) que trabalhava no Canadá, passou 1 ano aqui

botando ordem na coleção do Lutz. Porque qualquer um especialista vem praticamente pelo alojamento, porque gosta de vir aqui, gosta de ver os bichos de uma outra instituição e bota ordem. O Terchaine(?) fez um trabalho lindo na coleção de Lutz. Separou todos os tipos de bichos, tudo direitinho, fez um bruto o trabalho explicando onde é que estavam todos os bichos. Quer dizer, que qualquer pessoa pode trabalhar naquela coleção. Essa colaboração internacional é muito fácil.

Márcia – Como eram feitos os contatos com essas pessoas brilhantes?

HSL – Todos esses contatos eram feitos pessoalmente entre os especialistas, aliás não há instituição nenhuma no mundo em que o contato seja feito pela diretoria. Todos especialistas se conhecem em todo mundo, e se correspondem, pois não podem trabalhar sem isso. E tem que ter as separatas, os trabalhos dos outros autores e têm que trocar frequentemente material, de modo que a cooperação internacional é indispensável.

O Instituto Oswaldo Cruz tem uma história que a senhora já deve saber parte, muito complexa. Quando eu vim para o Instituto devia ter lá uns 40 técnicos e quando eu saí devia ter uns 400. De forma que ficava muito difícil. Depois o Instituto cresceu com muitas especialidades que é uma coisa ruim. Reparem só, no tempo do Oswaldo Cruz foi a febre amarela e em torno da febre amarela cresceu tudo. Então, ele aproveitou e fez, mas não tinha obrigação de fazer. Mas apareceram diretores no Instituto que achavam que era uma vergonha, por exemplo, o Instituto Oswaldo Cruz não ter um microscópio eletrônico. Assim, em vez de dar coisas para o laboratório, comprava o microscópio eletrônico. Como não tinha nada para fazer com o microscópio eletrônico, ficavam brincando com o microscópio eletrônico. É verdade, saíram alguns trabalhos, mas sem sentido. E eu acho que só deviam comprar um microscópio eletrônico quando a pessoa precisasse. E era preciso ter um técnico com tudo aquilo montado. Eu assisti em Nova Iorque aqueles “scannings”, um tipo de microscópio eletrônico, mas tinha uma sala, com um técnico que marca a hora. O especialista vai lá com a preparação já feita e o técnico diz: de 3 às 5 eu faço a fotografia para você. Para isso as coisas precisam ser organizadas.

M.C. – Lá no Instituto Oswaldo Cruz não tinha nada disso?

HSL – Não, no Instituto Oswaldo Cruz tinha uma pessoa para trabalhar no microscópio eletrônico e praticamente, não tinha assunto. Então, chegava um e dizia: Ah! Eu quero ver isso, quero ver aquilo. Quer dizer, não tinha sentido, não há possibilidade da gente fazer essas coisas seriamente, no Brasil. Mesmo com a quantidade de técnicos que tinha lá, a maior parte não fazia nada, ficava à toa, brincando de cientista.

Eu me lembro uma vez, eu vi um editorial numa revista da Venezuela muito engraçado, a mesma coisa no sentido dos agrônomos. Essa história de agrônomo, um americano que aprendeu na escola que se faz cultura disso, cultura daquilo. Então, o sujeito dizia que o país estava perdido, porque estão querendo ajustar as coisas e então ficava numa fazendinha e os agrônomos brincando de boizinho, de plantar. Falta o sentido profissional. Quer dizer o que faltou no Instituto foi o sentido profissional. Acho que já contei a história de uma moça que veio fazer pesquisa, e que previu a destruição do Instituto dentro de pouco tempo. Ela viu que as coisas estavam se encaminhando para a destruição. Tudo isso hoje é possível consertar. Agora é muito difícil consertar no Brasil onde o apadrinhamento é tudo. Eu que levei 20 anos para ser contratado pelo Instituto Oswaldo Cruz, vi uma porção de gente que não tinha o menor interesse lá, ser convidado. É verdade que eu não podia porque tinha outro cargo e não houve possibilidade de acumulação.

H.C. – Quando o senhor descreveu aquela situação do Instituto de Biologia Vegetal, que foi encerrado sem grandes comunicações a equipe...

HSL – Eu já não estava mais no Instituto, não é? Aquilo são reformas ministeriais. Então junta no gabinete do ministro uns tantos camaradas que desde que me conheço – o Ministério da Agricultura eu conheço bem, o da Saúde eu não conheço – são sempre os mesmos assessores. Eles se reúnem em torno de uma mesa e um deles se lembra: vamos acabar com o Instituto de Biologia Vegetal e incorporá-lo ao Instituto de Experimentação Agrícola, que tinha um aqui, um no Centro-Oeste. Tudo na cabeça dessa gente. E tudo no Brasil se faz na cabeça de uns teóricos,

quando não devia ser. Deviam chamar pessoas que entendem de um determinado assunto, fazer uma mesa redonda e perguntar: vocês estão satisfeitos lá? Não seria melhor ir para um outro lugar? Talvez fosse e desse tudo muito certo. Mas aí já ficou só o Dario Mendes, eu tinha saído.

Márcia – Eu estava tentando pensar com relação a Manguinhos, quer dizer, se esse tipo de medida a que está todo mundo sujeito, de certa forma, evita que se forme uma comunidade científica enquanto se sinta responsável...

HSL – Evita. No Brasil é muito difícil. A gente vê, por exemplo, em São Paulo, há uma comunidade científica. Mas, porque o nº de pessoas é de tal ordem que fica muito difícil de destruir. Eles se autodestroem. O paulista tem uma capacidade de brigar mais ou menos três vezes a do carioca, são aqueles que se destroem muito. Mas, são tantos que não podem destruir, mas isso, em função econômica, em função do Estado que é o mais desenvolvido. Tudo isso, o que adianta e que não se pode forçar a natureza. Esse desenvolvimento é ligado ao desenvolvimento social, sem a menor dúvida, ao desenvolvimento econômico, político. Todas essas coisas, uma coisa é ligada à outra.

Márcia – E esse Instituto de Biologia Vegetal foi criado com que objetivo?

HSL – Foi criado no sentido de incrementar pesquisas no sentido vegetal e principalmente florestal que era o caso do instituto lá. Depois, foi fundado a Serviço Florestal.

M.C. – Sem nenhuma preocupação aplicada, quer dizer, seria uma pesquisa básica mesmo?

HSL – Sim. Era uma pesquisa básica. Já havia, é claro nas justificativas que se diz sempre, serve para proteger as florestas e os vegetais. Mas, no fundo, por exemplo, as pesquisas eram feitas na madeira. Fizeram muita pesquisa nesse tempo. Já pesquisa de Anatomia de madeira foi a primeira. A Anatomia de madeira é hoje uma das coisas mais importantes. Para saber por que a madeira de crescimento lento é uma madeira que vai dar um movei, vai ser uma madeira permanente, porque a madeira branca, a madeira mole é... Isso tudo é muito importante.

Márcia – No Instituto de Biologia Vegetal não se davam cursos?

HSL – Não. Naquele tempo só se pensava em curso de aperfeiçoamento. A propósito não tem mais ninguém lá daquele tempo.

Márcia – Alguém pedindo estágio, por exemplo, conseguia mesmo que não tivesse uma função didática?

HSL – Não. Todos os estágios naquele tempo eram feitos por conhecimento. As pessoas que tinham conhecimentos telefonavam e perguntavam se era possível receber alguma menina ou rapaz. Sempre era possível, mas não tinha muita gente interessada.

Márcia – Era remunerado esse estágio?

HSL – Não. De maneira nenhuma. O estágio remunerado é uma coisa muito recente. Eu mesmo quando fui para Manguinhos em 31 não tinha nada de estágio remunerado.

M.C. – Dentro da seção de Entomologia tinha linhas de pesquisas diferentes ou era basicamente uma única coisa que se fazia?

HSL – Não. Cada especialista tinha a sua linha de pesquisa.

M.C. – Quais eram elas?

HSL – O Frei Thomaz eram as formigas, depois os folidae, o Dario Mendes estudava certos bichos de importância agrícola e eu estudava as sarcófagídeos e certos grupos de acaliptrados, as famílias de acaliptrados. Fiz um trabalho, também sobre conopídae. Mas, tinha aquela linha de pesquisa, alias todo o nosso trabalho em entomologia, cada um tem um trabalho fundamental. Eu comecei a trabalhar em 1931 com sarcófagídeos e até hoje estou trabalhando com sarcófagídeos. Comecei com sarcófagídeos no Rio de Janeiro, depois com sarcófagídeos **americanos**, os sarcófagídeos brasileiros, depois estudei sarcófagídeos sul-americanos, depois estudei sarcófagídeos que iam até o México, depois estudei sarcófagídeos da região

oriental, estudei sarco fagídeos da Austrália. Quer dizer, sempre a linha de pesquisa é uma só. Ninguém faz plano para trabalhar. O plano é este, vamos trabalhar. Em entomologia não há muito disso, porque depende do material que a gente tem. Todo trabalho taxonômico, não é só em entomologia, depende do material que a gente tem. A pesquisa é função do material que se consegue ter. Agora, é claro que é muito comum na América do Norte um estudante dizer assim: vou fazer uma revisão de tal gênero em toda América do Norte. Então, segundo o plano do orientador, dele, começa a escrever cartas ou manda ele escrever para todas as universidades e o material começa a chegar. Assim, ele tem o material. Mas, esse é material norte-americano que está nas coleções das universidades, porém, nós aqui não podemos fazer esse tipo de planejamento, temos que dizer para o estudante: você vai fazer tese em que? Vamos ver qual é o material que é bom para o sujeito fazer a tese. Qual é o material fácil de colecionar, qual é o material que a gente já tem colecionado. É função sempre do material.

Márcia – Essa revisão é de classificação?

HSL – É, não é bem revisão. O trabalho sobre bichos brasileiros, desde que o bicho não seja muito grande do tamanho de uma capivara para baixo, não chega a ser revisão, e quando se coleciona intensamente o número de novidade é enorme. Eu descrevi várias espécies do quintal da minha casa. Não tem, ninguém estudou, então, os micro-bichos! Eu comecei numa ocasião, a estudar uns acaliptrados de uma família chamada **laudes samine(?)**. Comecei a colecionar intensamente, especialmente, na beira da praia. Nesse tempo, acontecia que a minha filha solteira ia com as colegas ao banho de mar na Barra da Tijuca e eu levava e ficava, às vezes, esperando. Então nessa hora que estava esperando eu ficava colecionando. Nas dunas, e na vegetação de praia tinha uma porção de coisa interessante. Eu me entusiasmei e comecei a estudar essas coisas. É praticamente, tudo novo. Bicho pequenino é sempre novo. Aqui não chega a ser revisão é uma fabricação de um sistema, porque não tem nada feito.

Márcia – Existem critérios teóricos, quer dizer, teorias que são utilizadas nessa classificação e outras que são derrubadas por novas...? Como é isso?

HSL – Claro. Vamos imaginar que um determinado especialista tinha tomado como base da classificação dele determinados caracteres, isso aconteceu muito comigo. Eu quando comecei a trabalhar, comecei a criar as espécies, criar larvas, tirar descendência do mesmo casal. Na descendência do mesmo casal eu vi que uma porção desses caracteres que eram tomados como base de classificação eram apenas variação individual. Então, acabou esse tipo de trabalho. É isso que acontece. Assim, temos que procurar outros caracteres que realmente sejam importantes. E outra coisa que eu fiz e que todo mundo faz modernamente é nos insetos, nos insetos que são ora metabólicos, que tem larvas diferentes do adulto e de uma fase intermediária, então você tem que estudar todas as fases. Faz-se uma classificação, por exemplo, baseada no macho adulto, mas como a gente tem criado as fêmeas também, se pode contra-provar isso com as fêmeas. Se aquela sistemática é bem feita, isto é, se o sistema está bem arrumado então as fêmeas também têm que entrar naquele sistema. E se as fêmeas e os machos estão bem arrumados, as larvas também, têm que entrar naquele sistema. Se não entra é porque estão errados, então, vamos botar tudo abaixo e fazer tudo outra vez. Compreendeu como é a linha de trabalho mais moderna, tem que ser sempre assim.

Depois há muitas teorias modernas sobre filogenia que tem que ser tomadas em consideração. Muitas coisas estão perfeitamente provadas. Se nós chegamos a uma conclusão diferente tem que ver que não está certo ou então é a teoria que não está certa.

M.C. – As pesquisas eram financiadas pelo Ministério da Agricultura, vocês eram financiados pelo Ministério da Agricultura? Tinha algum tipo de verba para compra de material?

HSL – Nós recebíamos um ordenado. Geralmente, não tinha nada. Por muito favor havia verbas para assinatura de revistas e mesmo em Manguinhos que possuí as maiores coleções de revistas do Brasil todo, coleções de revistas especializadas, muitas delas não são mais assinadas, foram interrompidas. Durante o tempo em que eu fiz essa coleção em Manguinhos, entre 31 e 70 eu posso contar pelos dados o número de excursões que o Instituto financiou. Ia às minhas custas sempre. Houve algum tempo em que o professor Lauro Travassos mandava fazer armário do bolso dele

para poder guardar os insetos. Algumas vezes ele mesmo fez, tem um armário que ele tinha feito em sua casa. Quer dizer, muitas vezes eu paguei do meu bolso o transporte de material para fora, remessa de material e devolução de material. Recebia material determinado e quando ia devolver tinha que pagar. Quantas vezes fui a alfândega e perdi o dia inteiro lá para conseguir tirar o material, convencendo o conferente de que aquilo não era material subversivo. Quer dizer, é muito difícil, o trabalho era muito difícil, hoje está um pouco mais fácil. Eu atualmente não tenho essa situação, recebo esse material e mando por intermédio da Academia de Ciência. Tem um servente lá, que está tão treinado que ele vai lá e tira no mesmo dia. O conferente é amigo dele, tudo no Brasil e feito na base da amizade. Aliás, essa é uma das boas coisas do Brasil. Mas nunca houve verbas, verba para o pessoal.

M.C. – Nem financiamento de outras instituições ou de outros lugares?

HSL – Houve tempo no Instituto Oswaldo Cruz que eu tinha uma verba do Conselho Nacional de Pesquisa, mas isso é muito recente. Eu tinha dois auxiliares muito bons, excepcionais, e um dia lembrei-me de fazer um expediente ao Conselho de Pesquisa pedindo uma verba de suplementação de pagamento desses dois rapazes e durante mais de dez anos eles estiveram trabalhando recebendo essa verba suplementar. Então, a eficiência do trabalho deles era muito maior.

Márcia – Eram técnicos?

HSL – Sim. Um ainda está comigo no Museu. Agora, o Dalcy Albuquerque, monta insetos muito bem, faz a preparação muito bem, quer dizer, eu escrevi ao Conselho dizendo que se ele me desse dinheiro para esses dois auxiliares eu teria pelo menos mais dois terços do meu tempo para fazer pesquisa. E provei que isto era verdade, e depois que eles me deram, a minha produção foi maior. Isso é fundamental, uma coisa que não se compreende no Brasil. A pior coisa do mundo é a falta do que eles chamam no exterior de “tecniclan”. Nós só temos ou serventes para limpar chão, ou doutor. Como o doutor, geralmente não sabe fazer nada, e o servente que limpa o chão não sabe fazer também o serviço intermediário, esse serviço não é feito. Então, cada um que está fazendo um serviço tem que fazer tudo. E muito comum a

gente vê um microbiologista lavando vidro para fazer tubo de ensaio para poder fazer uma cultura. Senão, fica opaco e ele não vê a cultura presente. Aliás, o professor Genésio Pacheco, que era um microbiologista famoso do Instituto Oswaldo Cruz, quando chegava um estagiário no laboratório dele a primeira coisa que ele perguntava era: doutor? Às vezes já era doutor. Escuta, você já lavou vidro? Se dizia: e, já... Bom, então você não sabe lavar vidro, eu vou te ensinar a lavar vidro. Muitos se aborreciam e iam embora, por causa disso. Essa gente que sabe lavar vidro é que não tem no Brasil. Precisa ter.

Nessas famosas coleções entomológicas que estou falando tantas vezes, a coisa mais importante é a conservação das coleções, nós já chegamos a essa conclusão.

Pois bem, havia necessidade de um curador, de uma pessoa que cuidasse dessa coleção como se fosse uma coisa dele, uma propriedade dele. Esse tipo de gente não há. Agora, não há por que? Porque eles querem pagar salário mínimo ou dois salários mínimos para uma pessoa assim, não é possível. Tem que ter um final de carreira tão alto quanto do pesquisador, porque o serviço dele é fundamental, e a mesma coisa que o Sujeito chegasse: Ah! Contar dinheiro é a coisa mais fácil do mundo, vamos pagar ao pagador salário mínimo. É mais difícil limpar chão que contar dinheiro. Qualquer um sabe contar dinheiro. Mas, e a responsabilidade que ele tem? É a mesma coisa no curador de coleções. Tem que ser pessoas treinadas para aquilo e o exemplo disso é o Daria Mendes. Dario Mendes era uma pessoa que sabia fazer tudo com uma coleção. Ele era capaz de botar os bichos arrumadinhos. Até isso é importante. Se o bicho está espetado assim, virado para lá, antes de mais nada está feita a coleção. Ele tinha esse cuidado de fazer as coisas com grande capricho.

M.C. – Como é que funcionam aqui no Brasil os Museus em relação a isso? O Museu Nacional, o Museu de Zoologia da USP...

HSL – O Museu Nacional tem coleções muito boas. As coleções de ratos do Museu Nacional são valiosíssimas. É a melhor coleção de ratos tropicais que existe no mundo. Porém não tem armários suficientes, coisas especiais e não tem quem cuide, é isso que mata o Museu Nacional. Agora mesmo, anteontem, morreu Aroldo

Travassos, que era especialista em peixe. Quem é que vai substituí-lo? Tinha duas estagiárias, muito boazinhas, excepcionais, mas estarão à altura de cuidar de uma enorme coleção de peixes fabricada por Alípio de Miranda Ribeiro uma coisa enorme? E estas coleções vão acabar? Aonde que elas vão ficar? E peixe é pior ainda do que inseto, porque tudo que está em álcool é pior do que bicho seco. São princípios de **poluição ou(?)** coleção. Está em líquido agora e se evapora tem que estar bem fechado porque evapora, tem que passar revista diariamente.

Márcia – E este pessoal seria formado em escolas técnicas?

HSL – Não. Este pessoal tem que ser formado dentro dos laboratórios. Não pode fazer técnica de Museu. Cada coisa é diferente. Esta gente tem que ser gente admitida principalmente com o primário e que continue a estudar, pois eu acho que a coisa importante nestes “tecnichan” é isso: a pessoa tem que saber ler e escrever, entra para uma instituição dessas e aprende uma rotina, essa rotina qualquer um faz, basta que seja uma pessoa normal, mas esta rotina não é suficiente, porque esta pessoa pode ter melhores aspirações, eu vi agora no Canadá, por exemplo, quem determinava os bichos eram “tecnichan”. O especialista pedia uma representação da coleção para dar para uma determinada pessoa. Eles chamam de representação uma espécie de duplicata bem determinada, comparada direitinho. Este “tecnichan” chegava e fazia essa determinação, quer dizer, já está num grau e pode passar praticamente a especialista. Agora ninguém é um bom especialista em nenhum assunto, se não tem uma cultura geral boa. Então, este rapaz que quando entrou bastava saber ler e escrever ele já deve ter tirado o curso secundário e já deve ter chance de entrar para a Universidade, se ele quiser. O “tecnichan”, na minha opinião, no Brasil, não fora porque fora já se pode arranjar gente já formada, mas aqui ele devia ter a chance de ser especialista, futuramente. A gente teria o serviço desse “tecnichan” durante um certo tempo, um bom serviço de uma pessoa que quer progredir, e enquanto este está progredindo já tem que botar um outro aprendendo com ele a fazer aquelas coisas. Isto é fundamental. Mas é preciso que se dê a este “tecnichan” um ordenado que seja pelo menos bem maior do que o ordenado inicial do especialista. Eu me lembro muito bem dessa compensação monetária, para que ele possa ser um bom “tecnichan” no caso dele não ter aspirações maiores. Deve-se dar oportunidade a todos, se a pessoa tem habilidade de manuseio, ele já tem uma

grande percentagem do que precisa. Se ele sabe fazer boas preparações, se ele já sabe desenhar, tem que dar a chance dele ser um especialista, mas ele só será se tiver nível universitário.

M.C. – Este sistema funciona assim nos outros centros?

HSL – Não é bem assim. Mas eu acho que no Brasil, só deveria funcionar assim. Porque nos outros centros, o curso de Humanidades na Europa é completamente diferente do Brasil. Aqui o sujeito decora meia dúzia de apostila e então já é doutor. Eu me lembro que chegaram na Escola de Veterinária uma vez dois estudantes de veterinária de Munique, foi um problema sério para acertar o currículo, porque eles não tinham nem o exame final, pois na Escola de Munique não se admitia fazer exame final com nenhum estudante de veterinária, a não ser no último ano. Eles tinham cumprido tarefas durante aqueles dois anos e tinham se saído mui to bem. É mais ou menos o que tem de crédito hoje aqui. Mas o Brasil está sempre bem defasado. Eu acredito que na Europa uma pessoa possa chegar e admitir gente num nível muito superior, mas em compensação tem que pagar muito mais.

Márcia – Mas a gente entraria em conflito com a organização jurídica desses institutos?

HSL – Sem dúvida. Eu já tive esse problema aqui na Universidade. Eu tenho uma porção de técnicos. Tem um camarada precioso, que é um técnico de mergulhar. Ele já fez todos os cursos de mergulho. Ele tem uma capacidade tremenda de ir buscar material lá no fundo, está fora de todas as arrumações aqui. Que ordenado ele vai ganhar? Quer dizer, não pode. A padronização dentro de um lugar que tenha atividade científica é inteiramente inoperante. Pode padronizar é datilógrafo, arquivista, tudo isto, mas dentro de uma instituição científica, não se pode padronizar. Isto está errado, completamente errado. Isso em qualquer parte do mundo é muito levado a sério. Quando um técnico diz: Seu fulano de tal sabe fazer isso, aquilo aí está a padronização dele, esse é o nível dele. Ninguém diz isso gratuitamente. Aqui o sujeito diz: coitadinho, que pena, ele tem as duas mãos canhotas, mas eu ouvi dizer que ele sabe fazer isso, sabe fazer aquilo (e ele não sabe), porém o homem tem cinco filhos, mora no Méier ou Parada de Lucas, é uma pessoa honesta, isso é muito importante, mas não é condição, quer dizer, não pode

de maneira nenhuma... Qualquer padronização está errada, porque não há dois laboratórios que funcionem da mesma maneira, não é? Quer dizer, é a famosa padronização do DASP. Eu me dava com muita gente do DASP desde que o DASP foi fundado e eu sei que isso acontece. A função administrativa deve ser padronizada. Agora, dentro de uma biblioteca científica, já não pode ser padronizada. Uma pessoa que entende de biblioteconomia com atividade científica já é bem diferente da pessoa que entende de biblioteconomia de um modo geral, de literatura qualquer coisa.

M.C. – Mas, isso se torna muito complicado, não é?

HSL – Torna complicado, mas não torna, é complicado. Eu continuo a achar, que só deve ser diretor de uma instituição científica, um diretor com plenos poderes executivos, não de orientação de pesquisa, acho que dentro de uma instituição, nenhum diretor deve orientar pesquisas. A pesquisa deve ser discutida em plenário, provada ou não e tendo **verba e tudo (?)**. Está muito errado esse presidencialismo de instituição científica no Brasil, isso eu cansei de dizer no Instituto Oswaldo Cruz. Ah! mas se funcionou muito bem, foi porque os diretores eram muito bons. Se o diretor é vagabundo vai tudo por água abaixo, fica o protecionismo, ficam todas essas coisas. Quando a linha de pesquisa está determinada, o diretor da instituição deve ter plenos poderes mesmo de tirar do bolso o cheque e assinar, podendo dizer: tem dois mil cruzeiros aqui, vai comprar isso que o fulano está precisando.

Se não for assim, não há pesquisa possível. É bobagem estar pensando, fica toda vida nessa brincadeira, brincando de fazer pesquisa. Não, nas Ciências Naturais a gente pode fazer milhões de coisas. A maior parte do meu trabalho eu faço em casa, então não precisa de instalação, não precisa nada. A minha mesinha está atrás da televisão e eu fico lá trabalhando. A minha mulher fica sentada, às vezes fico conversando com ela e estou trabalhando, estou descrevendo bicho, estou passando nanquim em desenho, estou fazendo uma porção de coisa lá.

Eu faço os desenhos do Museu Nacional tiro das coleções do Museu Nacional e o resto eu faço em casa pois a minha bibliografia está toda em casa. Aí, não precisa de instalação, mas pesquisa não é só isso. O trabalho taxionômico você pode fazer

com o mínimo de instalação, mas mesmo assim às vezes preciso apanhar tal bicho em tal lugar, você me dá dinheiro que eu vou tomar o avião, vou lá naquele lugar, vou trazer. Por exemplo, eu estive no Ceará e encontrei uma série de coisas interessantes lá, eu queria voltar ao Ceará, mas eu não posso ir como eu fui, com o meu carro, levar quinze dias para ir, quinze dias para voltar. Eu queria pegar o avião e espiar umas coisas que eu bolei lá. Eu acho que aqueles bichos da palha do babaçu, do caroço do babaçu, aquele invólucro da palha do babaçu, acho que aquilo é uma coisa interessantíssima de ver. Os bichos que vivem em matéria orgânica, animal em decomposição, lá se adaptaram ao babaçu. É que o babaçu deve ter qualquer coisa interessante. Eu tinha vontade de ver isso, mas então tinha que ter uma verba ou trabalhar num instituto em que eu pudesse dizer: bom, agora na semana santa eu posso ir lá. Você me dá o dinheiro que eu vou lá. Essas coisas que precisavam.

Márcia – Isso teoricamente seria feito pelo CNPq?

HSL – Não. Eu acho que não. Eu acho que o CNPq, está inteiramente desvirtuado. O CNPq é para quebrar um galho. CNPq é para aprovar planos e fazer planos. Essas coisas deviam ser dinheiro que o diretor devia ter no bolso dele.

Márcia – Mas, atualmente essa função é cumprida pelo CNPq?

HSL – Não tanto. O CNPq está muito desvirtuado. Tem gente que é bolsista do CNPq há dez anos. CNPq é para iniciação científica, é para acertar ou aumentar ordenados de funcionários que estão ganhando pouco, para essas coisas. Tem gente que tem bolsa do CNPq a vida toda. Eu sei que tem.

Márcia – Em que sentido é? Naquela de pesquisador assistente aquilo que é uma complementação do salário?

HSL – Não tem sentido. Vamos dizer, o CNPq deve dar uma complementação do salário até que uma instituição possa absorver. Senão fica um dinheiro absurdo para o CNPq e ele não pode fazer a coisa fundamental, que é a iniciação científica. Acho que o CNPq é mais importante na iniciação científica.

Toda vez que alguém de uma instituição vê uma pessoa que tem possibilidade de ser aproveitada, dá uma verba para ela para fazer a iniciação e assim que demonstre que pode, a instituição deve absorvê-la logo, se já provou que pode.

Agora, tudo isso está errado: vem uma pessoa e diz: Ah! Coitadinho é tão bonzinho. Vamos aceitar isso e fica formando como no Instituto Oswaldo Cruz, quatrocentos sujeitos dentro de uma instituição, refeitório cheio de doutor, querendo varrer a memória do Instituto Oswaldo Cruz e tem a colaboração de dez ou doze. Está direito? Não é possível pensar numa coisa dessas. Fica essa coisa balofa e é isso que mata a instituição no Brasil.

M.C. – Professor, nessas linhas de pesquisa que eram desenvolvidas no Instituto de Biologia Vegetal, havia trabalhos publicados regularmente em funções delas? Como era isso?

HSL – Não. O trabalho que era terminado, era publicado lá nos arquivos, outros eram publicados em outras revistas. Foi muito pouco tempo, o Instituto de Biologia Vegetal funcionou muito pouco tempo.

Márcia – O Museu Nacional, dava para o senhor falar um pouco?

HSL – Dá, um pouco sim. O contato que eu tenho com o Museu Nacional é desde o tempo do Alípio Miranda Ribeiro, daquele pessoal, pois quando comecei em Manguinhos, me valia muito do Museu Nacional, porque o Lauro Travasso era muito ligado a todo mundo do Museu Nacional, porque a seção de helmintologia funcionava muito em base de determinação dos **aspiradores(?)**.

Os **aspiradores(?)** não determinavam se eram peixes, se eram **malacefílios(?)**, se eram aves, se eram mamíferos, eram todos determinados ou no Museu Nacional aqui ou em São Paulo no departamento de zoologia. Havia muita relação e eu ia frequentemente ao Museu Nacional, inclusive a biblioteca do Museu Nacional em clássico de zoologia e primorosa. Agora, está em reorganização, mas é um primor de peixes clássicos. Todos os estudos de zoologia estão lá.

Depois o DASP fez um concurso no Museu Nacional, convidou-me para fazer parte da banca, eu e o Frei Thomaz Borgmeier. Aí, entraram: o João Muja(?), o Berla, o Antenor Antônio de Carvalho, o Haroldo Travassos, o Milton Santos, Araújo Feio, que foi diretor (ele morreu também). Então, fizemos um concurso lá, era mais uma pró-forma aquele concurso, porque era gente que já trabalhava lá, gente muito boa e o concurso foi realmente uma coisa muito boa. Foi mais uma demonstração de forças dos candidatos, que um verdadeiro concurso e foi muito bom. Eu sempre tive muito contato lá. Depois, aconteceu que eu em 1949, quando fui para Bahia, comecei a fazer uma coleção de molusco, fiz primeiro em casa, em fins de semana, à noite, mas, depois a coleção ficou tão grande que não cabia mais na minha casa, então levei para o Instituto Oswaldo Cruz. Mas lá no Instituto Oswaldo Cruz, também não estava muito bem, depois como me aposentei do Instituto Oswaldo Cruz, foi toda para o Museu Nacional e está lá a coleção toda. Já no tempo que eu estava em casa, o Arnaldo Coelho, que é o outro especialista em moluscos lá no Museu, ia a minha casa uma vez por semana para trabalharmos juntos. Depois, fizemos vários trabalhos juntos de moluscos, principalmente de moluscos marinhos.

De fato tive sempre uma ligação muito grande, rara a semana que eu não ia ao Museu Nacional e muitas vezes eu passava no Museu para ver umas bibliografias. Uma hora que ia para casa, uma hora que vinha para Manguinhos, era mais ou menos o trajeto. Passava todo dia na porta do Museu prá ir a Manguinhos. Eu morava no Grajaú, passava na porta e depois na Tijuca, de forma que sempre tive um contato muito grande lá.

Agora o museu é uma instituição tradicional é das mais antigas de todas é o Jardim Botânico e o Museu. É uma tradição fabulosa de gente com publicações de tantos anos, de cento e sessenta e tantos anos, mas também sofrendo o mesmo defeito de todas as instituições brasileiras, a não ser as instituições, que estão muito ligadas ao ensino e como precisa botar mais cinquenta alunos, então se aumenta a verba para botar mais dois assistentes. Como os dois assistentes não vão ter tempo de trabalhar e aquela história mesma.

No Museu nem isso acontece. O Museu está sem renovação, está muito difícil de

fazer qualquer coisa. Com aquelas enormes coleções, sem ninguém para trabalhar. As pessoas já muito idosas, cansadas e tentando botar gente nova, porque, praticamente, todos eles têm estagiários, mas são estagiários que ficam muito bom, depois vão arranjar um outro lugar fora. Depois vem outro estagiário, não tem sentido.

Aliás, ainda ontem estava um rapaz lá na biblioteca que é muito antigo lá, dizendo isso, exatamente a mesma coisa, quer dizer, admite-se uma pessoa para ajudar na biblioteca, tem uma verba para botar uma pessoa para fazer ficha, incluir revista e quando a pessoa está bem treinada, vai embora e vem outra. Então tem que ensinar novamente, ele estava reclamando, essa falta de continuidade, não é possível. Tem que tomar uma resolução séria. Esta história de fabricar um quadro para depois procurar gente para botar dentro é que é o grande erro do Brasil, porque, toda instituição devia ter a capacidade de toda vez que aparece uma pessoa que seja útil à Instituição criar um lugar para uma pessoa. É o oposto do que se faz em qualquer repartição, entende? Na repartição científica, em toda parte do mundo é assim, ninguém fica procurando, fazendo um plano para botar. Se tem um fulano, vamos convidá-lo porque tem isso para fazer então o fulano vem fazer. Então tem que ter uma verba, mas uma verba decente para pagar, tem que ter instalações para botar microscópio para comprar, quer dizer, tudo isso implica despesa.

Eu acho que o grande mal do Brasil é este: as coisas não vão para frente enquanto estiverem neste sistema de planejar, para depois botar gente, criar tantos lugares para depois procurar gente. É a mesma coisa do instituto: vamos pegar e botar em tal lugar, não pode, tem que discutir as coisas, é do diálogo que surge, nós não podemos nos dar ao luxo de cometer estas leviandades que estão sempre dando despesa e não tem lucro nenhum. Inclusive se convencer que tem que fazer economia e só se pode fazer economia assim, tendo o estritamente necessário, mas ter o necessário quando precisa. O que a gente faz na vida particular, não é isso! Eu só gasto o que preciso, porque quando eu quero gastar numa coisa supérflua eu preciso ter dinheiro, quando eu penso fazer uma coisa diferente, preciso ter dinheiro. Isso é que eu acho uma coisa importante.

- M.C. – Agora, a gente queria cobrir um pouco essas questões que a gente viu do Instituto de Biologia Vegetal em relação à Universidade Rural, quer dizer, como é que era o funcionamento da Universidade Rural enquanto o Sr. estava lá?
- HSL – A Universidade Rural, foi criada às custas das Escolas de Veterinária, Agronomia e Química. Então foi fabricada a Universidade Rural lá, no Km 47, e a Universidade Rural mudou para lá em 1948. Aí nós tivemos laboratórios muito bons, aliás, prédios, não laboratórios, não, tivemos prédios, muito bons, mobiliários bons, mas as verbas para microscópios, para drogas, para excursão, tudo isso era muito falho. Mas tinha uma vantagem muito grande que eram os estudantes com tempo integral. Esta é uma das poucas escolas no Brasil, que ainda hoje tem estudante com tempo integral. É uma vantagem fabulosa, o estudante não tem outra coisa para fazer senão estudar. Então os laboratórios eram muito frequentados e como eu sempre fiz muita questão que o estudante tivesse muita atividade no laboratório, eu deixava a chave da porta com cada representante de turma, nunca sumiu nada. Teve uma vez que um sujeito entrou pela janela e roubou um microscópio e foi vender a um médico em Itaguaí, mas depois foi recuperado, mas nunca houve a menor depredação, a menor brincadeira por parte dos meninos. Tinha sempre um responsável, que era o representante de turma eleito e eu dava uma cópia da chave para ele. Era muito comum eu chegar à noite no laboratório e dizerem para mim que naquela noite não podiam fazer nada, porque no dia seguinte iam ter uma prova de zootecnia. Então ficava todo mundo estudando no laboratório. E disso eu fazia questão, estudavam lá, faziam do laboratório a casa deles, é a maneira para que o estudante se incorpore ao laboratório, é isso. Então a pesquisa lá foi muito bem. Essa iniciação de pesquisas, durante algum tempo foi uma beleza, até 1964. Mais ou menos durante uns dez ou doze anos, nós tivemos possibilidades de dar bolsas de estudo, bolsas de iniciação a vários estudantes. Como já contei aqui, eu dava bolsa de iniciação, depois quando eles faziam o primeiro trabalho eu entrava com um pedido no CNPq para dar uma bolsa de iniciação científica, eles davam e depois felizmente todos eles puderam arranjar lugares bons. Um rapaz recém-formado já com dois, três trabalhos publicados, em todo lugar estavam querendo ele.
- Márcia – Os empregos eram basicamente em Universidades ou...?

HSL – Pois é, assistente. Um deles foi para o Departamento de Zoologia de São Paulo, outro foi para Campinas como professor. O Angelo Pires foi para Campinas como professor e em dois anos fez mestrado lá. Aliás, ele fez diretamente doutorado e está muito bem ensinando lá. De forma que a atividade de iniciação foi uma beleza, justamente por causa daquelas coisas: microscópios para estudantes que eram usados na pesquisa e espaço suficiente, pois nós tínhamos lá pelo menos cinco laboratórios bons, fora a sala de trabalho de prática para os alunos. Portanto, puderam se espalhar, tinha bons armários, armários grandes para guardar coisas, ainda tinha as gaiolas para criar bichos e tinha bastante coisa lá. A iniciação foi muito boa, mas só em moluscos e em insetos. Para não restringir, como eu disse para a senhora da outra vez, como lá não tinha biblioteca eu tinha que trazer bibliografia e o material para dar para eles, agora vocês trabalham nisso. Eles deslindavam aquilo durante a semana toda e quando chegava no fim de semana, tiravam as dúvidas lá. Isso foi efficientíssimo, para mim foi a maior atividade de todas elas a maior chance que eu tive de criar gente nova. Em Manguinhos nós sempre tínhamos gente no laboratório, eu tive duas moças excepcionais comigo, Fizeram trabalhos, publicaram trabalhos, mas todas as duas acabaram mudando de casa, uma delas está até nos Estados Unidos. Quer dizer, assim não resolve, não vai para frente.

Márcia – E em relação a essas linhas de pesquisa, havia prioridade em relação a algumas? Algumas eram mais importantes que a outra ou não?

HSL – Não, porque em ciências naturais, quando se faz um trabalho de taxionomia, de sistemática de ciências naturais, nunca há prioridade. A prioridade está numa precedência de recebimento de material, da importância do material, e sempre em função dessas coisas, nunca em função de um plano que a gente possa fazer antecipado.

Márcia – E lá na Universidade Rural, havia outras especialidades além?

HSL – Havia. Lá, por exemplo, a atividade na anatomia era muito boa. Era mais para ensino. Na histologia, o professor Alípio Bruno Lobo criou varias, na Fisiologia o Dr. Ubatuba teve uma atividade muito boa lá, mas mais na bioquímica e um pouco

na fisiologia também. Ficou lá um professor muito bom na fisiologia. Elevou muito o nível, mas mais para o ensino. Na Histologia se fez bastante pesquisa.

Márcia – O Osório de Almeida chegou a ir para lá?

HSL – Não. O Osório de Almeida ficou aqui, em Manguinhos. Enquanto viveu, trabalhou muito e criou muita gente.

M.C. – Lá na Universidade Rural, havia financiamento de outras instituições ou era basicamente a verba da Universidade?

HSL – Não. Em Manguinhos já havia além do dinheiro que o Conselho de Pesquisa dava, como esse que eu falei dos auxiliares, havia muito financiamento do estrangeiro. A Fundação Ford, tinha várias fundações.

M.C. – Eram constantes esses financiamentos estrangeiros?

HSL – Sim. Uma vez dados, não tiravam mais. Nós vimos na entomologia, o Herman conseguiu da Fundação Ford, o fornecimento de microscópios, de material entomológico, de alfinete, muita coisa. São auxílios que já vêm em material. Auxílio em material, para nós é mais importante do que auxílio em dinheiro. Se a gente faz um pedido de material e vem o material pedido, não dá trabalho de procurá-lo, não dá oscilação de preço, e a gente já recebe direto as coisas. Isso é muito importante.

Márcia – O senhor, tem mais ou menos uma estimativa do valor total desses financiamentos? Nem idéia?

HSL – Não. O Herman pode lhe dizer, até em número.

Márcia – Ele se referiu a um problema final disso, que na época do Costa Lagoa, ele tentou se apropriar de um material da Ford?

HSL – Ah! É. Foi pior ainda. Ele denunciou ao Ministério a falta de prestação de conta de

todo esse material. Nós tivemos um inquérito sério lá no Ministério da Saúde. Eu mesmo fui lá por causa desse dinheiro do Conselho de Pesquisa, não tinha dinheiro, o Herman que tinha ido para a seção e tinha dinheiro lá. Ele era o chefe da divisão, foi ele que arranhou. De forma que o Vilela tinha, Edine Sachet(?) tinha, o Fernando Ubatuba tinha material de estudo estrangeiro, mas as contas estavam absolutamente perfeitas, pois é o tal negócio que eu acabei de explicar. Quando a gente tem um crédito desse estrangeiro, a gente faz questão de fazer negócio com tamanha lisura para não perder. Não e pelo fato de ser honesto, não é uma burrice não fazer, senão a gente não vai ter mais.

Márcia – Como era na Universidade Rural o contato com outras instituições brasileiras e estrangeiras?

HSL – Muito pouco. Praticamente não havia. A não ser um pouco a biblioteca com a questão dos livros didáticos. Por exemplo: Eu me lembro que tive uma bibliotecária lá, que conseguiu do Conselho Britânico uma grande quantidade de livros didáticos, essas coisas de livros em séries; dá cinco, dez, vinte exemplares de um livro texto muito importante. Havia um pouco contato, mas isso mais recente, no tempo do Dacorso quando havia um pouco de contato com universidades americanas, como há ainda mas, isso é muito mais recente, foi praticamente depois que eu saí de lá.

M.C. – Contatos de que tipo?

HSL – Contatos de trocas de professores, trocas de linhas de pesquisa. Mas mais agrícola e veterinária. Tinha uma universidade americana do sul que tinha contato, mas não no nosso setor. No nosso setor, não havia praticamente nada. Pois, na Universidade Rural não existia nem correio para o exterior, não havia possibilidade de mandar uma carta.

Aliás, o Museu Nacional, não tem verba para mandar uma carta. E a pesquisa que e uma coisa essencialmente internacional, não é possível.

O José Cândido gasta uma fortuna, mandando coisas. Vocês já entrevistaram o José Cândido? Pois devem. Ele pode lhe informar coisas especiais. Ele foi diretor do

Museu Nacional. Ele pode lhe contar como tirou o Museu Nacional do nada, e botou coisas lindas de exposições e depois cair tudo de novo. Cair totalmente não caiu, mas ficou um pouco. O Museu não caiu totalmente.

Márcia – A preocupação da Universidade Rural era basicamente de formar veterinários, agrônomos e químicos, e não havia um estímulo para formar pesquisadores?

HSL – Não. Havia um pouco. Alguns laboratórios tinham mais. O que havia na Universidade Rural a estrada passa assim, de um lado em a Universidade Rural e do outro lado, era um centro de pesquisa. Mas, era um centro de pesquisa agrícola, que tinha solo, tinha uma série de coisas, mas com pouca eficiência prática.

Sobre a academia de Ciências, eu acho mais interessante a senhora conversar com o Aristides Leão. Eu acho que eu não poderia dizer nada porque o Aristides poderia dar muito bem.

A Academia de Ciências para mim foi uma coisa fundamental, porque quando eu fui aposentado a única ligação que eu tinha com o resto do mundo era a Academia de Ciências. O Museu eu não podia nem mandar uma carta. Podia escrever particularmente cartas, mas isso ia ficar uma verba enorme para mim e não tinha um timbre da Academia. Então, logo eu conversei com o Aristides Leão, que já estava na diretoria, era o segundo secretário e falei com ele que imediatamente se prontificou a me dar todo apoio lá. Isso eu achei muita graça, porque fiz uma circular dizendo que tinha deixado o Instituto Oswaldo Cruz e que estava agora na Academia de Ciências, mas que tinha as minhas atividades no laboratório.

Márcia – Vários, não é?

HSL – Vários diziam assim: congratulações pelo seu novo status. Eu tinha sido promovido, estava na Academia de Ciências e trabalhando também no Museu Nacional.

Márcia – O senhor foi suficientemente discreto para não dizer as razões?

HSL – Ah! Claro. Essas coisas a gente não deve dizer. Bom, só para pessoas mais íntimas. Por exemplo, um dos meus correspondentes lá, me mandou um jornal da Califórnia que deu a notícia da nossa demissão aqui, contando detalhadamente as coisas. Não sei quem informou, alguém informou a eles tão bem, era um jornal diário da Califórnia e botou um toque assim, dizendo essas coisas que tinham acontecido aqui. Agora, a quem não me perguntou, eu não disse nada.

M.C. – Tinha doutoramento e mestrado, na Rural? Quando é que foi criado? O senhor estava ainda lá, na época?

HSL – Quando começou eu estava ainda na Rural. O que aconteceu foi o seguinte: Eu, na Rural, me aposentei em 64, mas como sou professor emérito da Rural, eles me chamavam para muitas coisas, por exemplo, para fazer parte de bancas, de mestrados, de forma que eu continuei tendo muita atividade na Rural. Só depois que fui aposentado em Manguinhos e fui cassado é que eles não puderam mais... Algumas vezes alguns davam uma indireta, assim mas eu dizia: Olha, isso não vale a pena, porque se eu faço parte de uma banca, podem anular o exame, e o rapaz faz um esforço danado no exame para depois anularem; e podem perfeitamente anular! Basta um espírito de porco qualquer para anular a situação. Então, não fiz mais parte, mas fizemos lá muita coisa. Eu fiz parte da banca de mestrado dos quatro rapazes que ficaram me substituindo na cadeira de parasitologia lá, do Bruno Lobo, também. Fiz parte da banca de mestrado e eles tinham muitas atividades, as teses muito boas. A própria Universidade Rural imprimiu as teses, e que foi coisa muito boa. Eles arranjam dinheiro, diz em que tem tipografia lá, e fizeram umas tesezinhas de capa dura, pretinha, até muito discretas mas muito boas.

M.C. – Não tem curso de doutoramento, só mestrado?

HSL – Por enquanto, só tem mestrado. Acho que vão começar o doutoramento.

M.C. – Como é que foi organizado? Os alunos cumpriam créditos e depois faziam trabalhos de créditos, qual era o tempo médio?

HSL – Cumpriam créditos. Havia vários cursos, pois tinha muita facilidade de ter cursos correlatos. E tendo uma atividade de agronomia, de veterinária e de química tinha em comum os professores da bioquímica, tinha professores de tudo, praticamente. Fizeram créditos e alguns fizeram créditos fora, também no Museu Nacional. O Museu Nacional tem convênio com a Universidade Rural. As atividades da Universidade Rural e do Museu Nacional são uniformes, quer dizer, eles podem dar Créditos lá e cá, é muito fácil.

Márcia – Quando foi criado o mestrado lá, tinha financiamento de algum órgão? Os alunos tinham bolsas? Como é que funcionava?

HSL – Não, era praticamente os alunos que eram professores, assistentes.

Márcia – Os próprios alunos eram os próprios professores e assistentes, lá?

HSL – É, os alunos do curso de mestrado eram já pessoas... ou então, algum mais novo que tinha aparecido e estava como monitor e depois eles continuavam. Agora mesmo vai fazer tese lá a Eliane que já é uma terceira geração, já é aluna desse camarada que eu deixei lá. Eles continuaram numa atividade enorme, não param. Apesar que o número de alunos atrapalha, terrivelmente.

Márcia – Qual é o número de alunos?

HSL – Tem mais ou menos, duzentos e pouco no estudo de parasitologia.

Márcia – Só no mestrado?

HSL. – Não! No curso normal. O curso de graduação é que já trabalha.

O curso de graduação e a coisa básica da escola, mas como tem poucos professores, atrapalha a atividade de mestrado, dos professores, do doutorado, de trabalhos científicos. Eles estão com uma porção de linhas de trabalhos muito boas, mas sem poder desenvolver.

Márcia – Que linhas são essas?

HSL – São principalmente, do pessoal dos moluscos terrestre. Eles têm uma enorme quantidade de bichos dessecados fazendo comparação, anatomia comparativa, histologia, muitas coisas boas lá.

A tese desse pessoal é sempre sobre moluscos, estão desenvolvendo-a. O bom, é que o corpo docente faça o seu mestrado e depois continua naquela mesma linha.

Márcia – O curso de mestrado recebe alunos de outros lugares do Brasil?

HSL – Tem alguns alunos de outros lugares.

Márcia – Alguma política de intercâmbio deliberada, como é isso?

HSL – Não, que eu saiba, não. Mas, isso seria bom conversar com gente de lá. Por exemplo, a senhora poderia conversar com Hugo Resende, que é o regente lá. Conhece Hugo Resende?

Márcia – Não.

HSL – Então, não dá, mas isso valia a pena. Hugo Barbosa Resende, que é o regente da parasitologia, lá. Ele está muito bem informado. Pode conversar também com Adriano Perach que é o chefe do Departamento de Biologia. Ele acabou de fazer uma livre docência lá.

M.C. – Professor, esses professores do curso de mestrado saem para fazer doutoramento fora ou fazem aqui, no Brasil mesmo, como é isso?

HSL – Não. Eu acho que no curso de mestrado poucos... Alguns são doutores, por exemplo, o José Cândido é doutor. Mas, muitos não são doutores. É gente que passou lá, do tempo da fazer doutorado não, gente que já tem credencial. O pessoal mais antigo, poucos têm doutorado.

Márcia – E o pessoal mais novo? As pessoas saem normalmente com doutoramento?

HSL – Tem alguns que fazem. Por exemplo, em São Paulo, o José Henrique Guimarães fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Agora, tem o Sérgio, não consigo me lembrar do nome todo dele, ele estuda besouro, até o pai dele é ali da Escola Superior da Guerra. Esse, também, está na Flórida, acabou de fazer mestrado está fazendo doutorado. Tem muito brasileiro fazendo doutorado.

Márcia – O aluno fez mestrado na Universidade Rural, depois é mandado ao Exterior?

HSL – Não! Não é mandado. Primeiramente, vai pretender fazer doutorado aqui mesmo. Faz em São Paulo, por exemplo.

Márcia – E vai para fora como?

HSL – Alguns vão para fora. Daquele pessoal da Universidade Rural pouca gente esteve lá fora.

Márcia – Existe uma política na Instituição de aproveitar as pessoas formadas por ela, lá dentro mesmo?

HSL – Não. Só quando os professores insistiam nisso, porque não havia concurso.

Toda vez que tinha oportunidade na congregação eu falava isso: vocês precisavam não deixar sair um bom aluno, se vocês pegassem os primeiros alunos, os dois primeiros alunos do curso, a Universidade, num instante seria uma Universidade de primeira classe. Mas, havia exatamente a seleção negativa. Então, naquelas turmas de alunos, aqueles muito bons eram solicitados e saíam e iam arranjar empregos em São Paulo, em indústrias... Então, ficavam refutados que ninguém convidava e depois acabavam entrando na Universidade Rural, havia uma seleção negativa, mas só quando os professores insistiam, como no caso o nosso lado, o Bruno Lobo, eu, o Algido de Oliveira, do Xavier é que pegavam os bons alunos e não deixavam sair, mas a duras penas. O próprio Bruno Lobo na ocasião, tinha um assistente da

primeira classe, até um rapaz de família estrangeira, alemão, estava com ele há uns três anos, desde o tempo que fez o curso com ele continuou ajudando, era um camarada especial. Desanimou, foi fazer concurso para o Banco do Brasil, para veterinário do Banco do Brasil.

Veterinário do Banco do Brasil é o sujeito que conta boi, sabe? Você conhece esta historia do Banco do Brasil. Não é? O Banco do Brasil vai emprestar dinheiro àquele fazendeiro. Todos os fazendeiros amigos da redondeza levam todos os bois no curral daquele camarada e a função do veterinário, que sabe que aquele boi não é daquele fazendeiro, é contar os bois para ver quanto é que o Banco do Brasil pode dar. Então, um histologista de primeira classe vai contar boi. Só no Brasil que acontece!

M.C. – É muito comum essa evasão da Universidade Rural, de sair de uma carreira de potencial de pesquisa pra...?

HSL – Não! Na Universidade Rural não há muitas fontes de pesquisas.

A pesquisa não está bem instalada lá. Geralmente, são os próprios assistentes que fazem pesquisas e já estão fazendo carreira lá, esses que já estão mais ou menos firmes: o pessoal da anatomia, da histologia, da microbiologia, da parasitologia, na Veterinária que eu conheço bem. Esses geralmente, não saem.

Há pouco tempo saiu Paulo Írio mas porque ele não estava lá, muito contente, foi mais por vontade dele. Saiu, foi pra Niterói, está muito bem em Niterói. E daqueles meus alunos saíram, porque não tinha lugar. Para arranjar lugar para quatro lá foi um escândalo. Quando eu comecei a fazer força para botar os quatro lá, como assistentes, falaram: mas já tem tanta gente! Falta assistente em tudo quanto e cadeira, e você quer botar quatro assistentes em uma cadeira só. É essa a mentalidade pseudo-democrática, porque é antes de mais nada uma falta de senso. Se tem uma pessoa sabendo uma coisa, é preciso agarrar essa pessoa. É o que eu digo aqui, na Santa Úrsula, não vão me deixar sair bons alunos.

Então, criar lugar, fabricar lugar para botar gente capaz, com iniciativa. Não e aquele bom aluno decora, dor que tirou dez, e aquela pessoa que tem espírito de iniciativa.

Márcia – Aqui, na Santa Úrsula que cursos são dados?

HSL – São dados cursos, na Ciências Biológicas, de licenciatura e Ciências fraturais. O departamento ajuda muito toda a parte de biologia da Universidade é dada aqui: se da biologia para matemática, biologia para psicologia. O departamento fornece ensino para esses cursos. Agora, os cursos são essencialmente, práticos. Os alunos gostam muito, têm muitos trabalhos de laboratório. Eles têm sistema de créditos, têm que pagar essas várias zoologia.

M.C. – É um Instituto de Ciências Biológicas ou é um departamento?

HSL – Departamento.

M.C. – Quem organizou o departamento?

HSL – Eu acho que foi Madre Fátima porque eu estou há pouco tempo, desde o ano passado. Eu estava no Canadá, quando me convidaram. Eu tinha dado um curso de entomologia, aqui essa relação que eu tinha com a Madre Fátima. Até comecei um segundo curso mas fui convidado para o exterior e eu deixei o curso com Herman Leite, mas quando eu estava no Canadá, a Madre Fátima me convidou. Ela teve que sair para ser a superior da ordem.

Agora, valia a pena fazer uma entrevista com a Madre Fátima, porque ela está muito a par dessa situação toda e fez doutorado na França e tem umas idéias muito boas para fazer coisas aqui. E está com oito professores daqui, fazendo mestrado em São Paulo, outros aqui, há créditos em toda parte.

A primeira moça, a professora Lúcia Versosa acabou de defender tese em São Paulo na semana passada. Esse movimento, era muito interessante que a senhora visse, porque e um movimento, talvez o único movimento de universitário

particular, por isso é importante, também.

M.C. – E em relação à mesma questão do contato com exterior, é constante?

HSL – Ah! Isso é constante. Aqui também, é importante. Por causa da **soreografia(?)**. O grosso daqui e a **soreografia(?)**. Agora, e que entrei com um pouco de entomologia, Herman Leite com helmintologia e professor Domingos Machado com **protozoologia(?)** para ensinar no curso. Tem um movimento internacional muito intenso.

No outro dia, tinha uma professora francesa aqui, que estava fazendo tese de doutorado. Então, veio ao Brasil para redigir a tese. Já pensou que coisa engraçada?

Tem um prédio ali defronte, esse prédio chatinho, amarelo. Lá tem três andares que já foram transformados em laboratório. Laboratórios bonitinhos, porque eles tiveram a preocupação de não destruir o que é aparta mento, porque isso desvaloriza. Então, cada aparta mento é um laboratório. Tem uma salinha de entrada, um banheiro, uma sala maior, tudo aquilo cheio de estantes, de armários e mesas, ficou muito bom.

Eu tenho um laboratoriozinho lá, de vem em quando passo umas horas ia aproveitando o tempo.

Márcia – Tem linha de pesquisa que está sendo desenvolvida sistematicamente?

HSL – Sim, cada um destes estudantes de mestrado, um com crustáceo, outros com crustáceos de placas, outros com **(?)procordados**, cada um está fazendo tese, dezoito estão fazendo tese, são oito linhas de pesquisa diferente. A gente espera que continuem depois da tese ou então se mudarem é para coisa diferente.

Márcia – Existe uma sociedade brasileira de entomologia ou biologia?

HSL – Existe uma sociedade brasileira de entomologia em São Paulo, é boa, tem bastante movimento.

Márcia – Como é o seu contato com esta sociedade, com a Academia de Ciências e com SBPC?

HSL – Nunca tomei parte em nenhuma conferência da SBPC, mesmo aqui no Rio de Janeiro.

Márcia – Por que não?

HSL – Eu não sou muito de congresso, não sou muito simpático a congresso. Gosto muito e de encontrar gente. Se os congressos fossem para a gente tomar cerveja e de vez em quando ouvir alguma coisa... Os congressos têm muita comunicação, acho que deviam ter menos comunicação.

Lá em Washington a gente tinha um congresso, com dezoito salas em torno de um saguão, mas o número de pessoas que estavam naquele saguão conversando era muito maior do que os que estavam lá. Então fica um congresso mais agradável sem aquela obrigatoriedade. Em um congresso muito grande e em muita coisa a gente estava interessada, a gente escolhia. Naquele dia tinha uma ou duas comunicações e a gente ia lá e na hora certa estava naquela comunicação. Isso é muito importante, aqui com a nossa desorganização... A gente vai, espera três horas e depois diz: acho que o sujeito não vai fazer hoje, só amanhã. Isto é muito comum.

Márcia – Mas o senhor não é sócio do SBPC?

HSL – Não, fui sócio há muitos anos. Sou sócio da Sociedade de Entomologia de São Paulo. Mas, nunca assisti nenhuma seção lá, recebo uma revista muito boa. Depois não posso deixar de ser sócio porque todos os meus amigos, ficariam chateados, se eu não fosse, só por isso.

Márcia – E da Sociedade de Biologia?

HSL – Atualmente também não sou sócio. Quando estava em Manguinhos, ia assistir muito as reuniões.

Márcia – O senhor publica nesta revista da Sociedade de Biologia?

HSL – Não, nunca publiquei porque a Revista Brasileira de Biologia que o Herman era editor absorve tudo. Agora mesmo tenho um trabalho para levar prá lá, agora ela faz parte da Academia de Ciências e depois antes disso, tinha a revista entomologia do frei Borgmeier que vivia me pedindo trabalho. De forma que, é muito difícil primeiro a revista de Entomologia do Frei Thomaz e depois a do estudo entomológico que é a atual que é publicada.

Márcia – Como o senhor vê o papel dessas instituições?

HSL – Eu acho muito importante. O fato de eu não ser muito associativo, de preferir o pijama a ir assistir uma seção, não quer dizer que eu não ache importante, às vezes fico até aborrecido comigo mesmo. Não quero dizer que não seja boa. As seções da Academia eu vou frequentemente, quando tem um assunto que me interessa mais. Eles agora estão com uma política muito boa, porque estão botando cada seção mais ou menos com o mesmo assunto. Houve uma seção só de geologia, todos os geólogos vão. Quando é uma seção de matemática, e horrível matemática, a gente não sabe o que vai conversar. Eu gosto muito de matemática, gostaria de ser matemático, mas aquelas demonstrações não têm sentido, como também não tem sentido chegar numa seção dessas e descrever um bicho, não tem sentido nenhum.

Um matemático nunca pode contar uma história. Eu me lembro que assisti do Leite Lopes uma conferência que ele fez sobre coisas de física. Eu fiquei atento o tempo todo, porque ele sabia dizer as coisas. Mas, geralmente o matemático vai e deduz uma fórmula. E daí? Nem diz para que serve aquela fórmula, assim não pode ser interessante. Acho que são muito importantes essas conferências.

M.C. – Existe alguma diferença nos papéis entre elas?

HSL – Tem, a Academia de Ciências tem influência decisiva em tudo. Ela da opinião em coisas do governo. Tem feito muita coisa boa.

O prestígio da Sociedade de Entomologia é praticamente nenhum, à vista do prestígio da Academia de Ciências. O prestígio da SBPC está numa outra área completamente diferente do prestígio da Academia de Ciências.

M.C. – Qual?

HSL – Da SBPC, não tem uma influência junto ao governo. É uma influência mais de debates e já Academia de Ciências é uma coisa executiva praticamente, quase em tudo o governo ouve a Academia de Ciências, o próprio Conselho de Pesquisa ouve a Academia de Ciências que é o órgão consultivo do Conselho de Pesquisa. De modo que é muito importante; a Academia de Ciências é o órgão mais importante que tem aqui, eu acho.

M.C. – O senhor acha que a atribuição da Academia de Ciências deveria ser essa mesma que ela tem?

HSL – É, consultiva eu acho que é muito importante.

M.C. – E da SBPC e das outras sociedades?

HSL – Também, deliberativas. Esses congressos podiam deliberar coisas... O que está deliberado nos congressos da SBPC, deveria ser tomado em consideração, pelo menos estudado com cuidado.

M.C. – Por parte do governo?

HSL – Claro, por parte do governo. É que nesses plenários sabe como são essas coisas de SBPC, tem um camarada, propõe um negócio e como todo mundo está querendo acabar com aquilo: – Não, está aprovado. Sabe como é, é um que tem trabalho de fazer, quer dizer, não há um debate real. O brasileiro não, é muito compatível para essas coisas.

Márcia – Existe uma questão que tem aparecido um pouco nas entrevistas que temos feito. É em relação ao problema hoje em dia do curso de doutoramento, ou seja, se o aluno

de mestrado deve ir para o exterior para fazer doutoramento logo depois que termina ou se deve...

HSL – Depende do assunto que ele quer. Se o assunto não é feito aqui, deve ir para o exterior. Agora, o perigo de ir para o exterior é muito grande para qualquer indivíduo, porque, ele se habitua num tal conforto de trabalho que não vai encontrar aqui. Quer dizer, que é muito frequente o sujeito passar alguns anos no exterior ou algum ano e depois ficar completamente desanimado. Agora, eu acho que se a pessoa está suficientemente diferenciada, isso não tem perigo nenhum, pelo contrário aumenta o seu contato no exterior e pode obter maior ajuda. Agora, quando ele não está diferenciado, ele fica acabrunhado. O brasileiro é muito disso.

O Brasil tem tantas coisas boas, que a gente fica com excesso de **eufemismo**, não tem tremor de terra, não tem problema racial, tem tanta coisa boa no Brasil que a gente fica pensando que tudo é bom. Quando vai para o exterior, vê que o Brasil está tão atrasado que a gente desanima. Mas, não deve desanimar, sempre estar diferenciado, quer dizer, deve levar vantagem, porque tem muitas coisas que o sujeito pode fazer no Brasil, que não pode fazer aí fora. O estudo de fauna, de flora, por exemplo, é uma coisa espetacular, no Brasil ninguém está em condições em parte nenhuma do mundo, a não ser na Malaia, na Sumatra, na Nova Guiné, que é um país mais puro em fauna e flora do que o Brasil. Aí eles poderiam ter uma preparação, mas aqui é especial. Você tem que preparar uma pessoa para ir para fora e devia preparar, e só mandar gente que estivesse diferenciada.

M.C. – Em entomologia, tem condições do indivíduo se formar aqui e fazer doutoramento aqui e depois ir?

HSL – Tem, claro.

M.C. – Aonde?

HSL – Em São Paulo tem muita gente boa. No Museu Nacional mesmo tem.

M.C. – Em São Paulo, aonde especificamente?

- HSL – Em São Paulo no Departamento de Zoologia, atualmente, Museu de Zoologia e na Universidade mesmo. Lá na Zoologia da Universidade tem muita gente boa, tem o **Fleuris(?)**, tem muita gente boa, que pode preparar e orientar.
- M.C. – O que o senhor acha mais aconselhável no caso: o aluno se formar totalmente aqui, depois ir para o exterior?
- HSL – Eu não vejo muita vantagem. Eu acho que os estágios menores no exterior, seriam melhores do que o próprio doutoramento entende. Quer dizer se o sujeito vai desenvolver uma linha de pesquisa, conforme o caso. Na entomologia algumas coisas que ele teria que estudar de fisiologia ele devia ir para o exterior, porque aqui não pode estudar. Agora uma entomologia sistemática, um estudo taxinômico, um estudo morfológico ele pode fazer aqui, não tem a menor dúvida. É muito mais interessante ele ter contatos fora, fazer pequenas viagens, ir por aí e visitar certos laboratórios, passar um, dois ou três meses num laboratório é uma coisa muito boa, para um rapaz que está se formando. Agora, o duro, do trabalho, deve ser feito aqui, tendo um bom orientador, é claro.
- M.C. – Com a experiência que o senhor teve de trabalhar em dois institutos de pesquisas e de trabalhar também na universidade, como é que o senhor vê a questão do lugar ideal onde as atividades científicas devem ficar?
- HSL – O lugar ideal é no instituto isolado. Agora, o instituto isolado deve ter uma íntima relação com as universidades, não dentro das universidades. Hoje em dia há uma tendência para isso. Lá onde eu estive no Canadá, eles tinham o Instituto de Biosistemática eles tinham uma correlação enorme com as universidades, sempre tinha estudantes e estagiários e no entanto era um instituto isolado. Acho muito importante isso porque o laboratório do professor dentro da universidade é muito, difícil de ser isolado. Depois, a atividade do professor então por causa do grande número de alunos... Se pudéssemos disciplinar os alunos, o ideal seria a Universidade. Mas há tendência no mundo todo hoje a criação de institutos isolados.

M.C. – Quer dizer, que o senhor vê como ideal uma separação da atividade do pesquisador da atividade do docente?

HSL – Não. O pesquisador deva ter uma atividade de docente, mas ele devia ter um trabalho isolado, uma possibilidade de ficar isolado.

Lembro-me que passando lá em Curitiba, eu vi, não era nas Ciências Biológicas, mas na Engenharia, eu vi um bruto prédio, que tinha uma ponte ligando um prédio ao outro. E eu perguntei até ao padre ponte era aquela. Ele disse: que a ponte só tinha passagem nesse sentido, aluno não passa para lá, só professor que passa para cá. Se pudéssemos fazer isso, era muito bom.

Vocês já conhecem o padre **Murel(?)**? Também é uma pessoa que vocês deviam entrevistar. Eu acho que não é possível manter e fazer uma continuidade no Instituto de Pesquisa sem o estudante. Agora, o estudante tem que ser buscado e trazido, não pode vir espontâneo, isto é que é o grande mal. Agora, e claro que o sujeito que faz pesquisas e não ensina, não tem jeito.

Márcia – E os problemas de livros textos de biologia, como é que é?

HSL – O problema do livro texto é um dos maiores que temos. Porque, as dificuldades da impressão, fizeram com que se adaptasse livros textos, e a adaptação do livro texto é sempre um remendo. Por exemplo, lá da entomologia, o pessoal de São Paulo traduziu o Borc **Iderlongue(?)** que é um bom livro texto de entomologia, livro americano e fez uma adaptação, mas as figuras destoam, não está completo, não é bom.

H.C. – E há uma forma de resolver esse problema? É importante resolver isso?

HSL – Acho que cada universidade devia ter o seu livro texto primeiro, um livro impresso de qualquer maneira para experiência. Tenta incentivar isto aqui na Santa Úrsula, porque tem inclusive, um bom serviço tipográfico, por isso peço a todos os professores que dêem roteiros de aulas mimeografados depois impressos, não apostilas, pequenos livros textos para orientar o trabalho de seus alunos. E que eles

acumulando aquilo futuramente façam um livro de texto adaptado às condições do local, que poderia servir também para outros. Mas, um livro texto fabricado de acordo com as necessidades, porque não adianta um professor fazer um livro texto, sentar na sua mesa e ficar pensando o que vai dizer, adianta o que lhe é solicitado para fazer e se o sujeito começa com o roteiro de aula..., um bom é roteiro de aula. Lá na Universidade Rural os meninos até hoje fazem o roteiro de aula, apesar de ter muito alunos. Eles distribuem o material para o exame pratico e dão o livro texto com uma pagina mimeografada, com referência de todo material. Todo material está numerado com letra e número, esta lâmina faz isso assim, assim, isso é importante, se é parasito dá o ciclo evolutivo, dá tudo que pode dar sobre aquela lâmina, quer dizer que quando o aluno está vendo aquele bicho está pensando naquelas coisas todas, isto deve ser um começo para o livro, porque depois além dessa explicação toda, bota uma figurinha boa de modo que o aluno acompanha todas aquelas coisas com o material na mão. Aí, fica um livro texto concreto.

Márcia – O senhor teve contato durante o tempo em que estive em Manguinhos ou mesmo agora no Museu Nacional, com um órgão de financiamento, como o CNPq ou mais recentemente com a FINEP, BNDE?

HSL – Tive com o CNPq. Eu pedia material e pagamento de salários para estes meus dois auxiliares, isto eu tive sempre. Depois, pedi para material de desenho e foi sempre o Conselho de Pesquisa que me forneceu, o Instituto nunca me deu esta possibilidade de conseguir. A gente ia no depósito não tinha nanquim, nem papel de desenho, ou se tinha nanquim não tinha papel de desenho. Então eu pedi pena, lápis, papel de desenho, porque tinha uma verbal anual para essas coisas. Eu pedia quando saía essa verba, que era coisa pequenina.

M.C. – Até quando?

HSL – Até setembro, depois não. Depois foi a Academia de Ciências que comprou para mim papel de desenho. Mas, agora eu passei o outro dia na Casa Matos, encontrei um caderno lá eu olhei assim e achei o papel homogêneo, levei para casa e estou fazendo desenho nele. Custou doze cruzeiros e dá para uns três meses, assim não preciso mais incomodar o..., e a gente também gasta muita coisa sem necessidade.

Se a gente tivesse um dinheiro exato na hora certa, se podia fazer muito mais economia, porque a gente pensa “vou precisar disso” e compra uma porção de coisa sem necessidade porque não tem aquela facilidade de comprar na hora que precisa. Seria uma medida de economia muito grande, essa de cada um gastar e prestar conta. Se resolvessem considerar o sujeito honesto até a hora que ele demonstra que é ladrão, teríamos todos estes problemas resolvidos.

M.C. – Contato com a FINEP, o senhor não teve. Através de conversa dá para o senhor ter alguns tipos de avaliação a cerca, por exemplo, pois, hoje reclama-se muito que o CNPq se desvirtuou do que era antes...

HSL – Não, nunca tive contato com a FINEP. Eu acho que a política do CNPq está realmente bem difícil, mas nunca foi inteiramente rígida, sabe como são essas coisas aqui no Brasil. Depende muito do prestígio da pessoa que solicita um auxílio do CNPq mas isso há em toda parte do mundo. Quando o CNPq confiava na pessoa, dava tudo e às vezes esta pessoa não correspondia, a culpa não era do CNPq. Mas, a crítica que eu sempre fiz ao CNPq foi a falta de rigor na cobrança dos resultados. Eu sempre fiz questão que todas as pessoas que eu fui ao CNPq para pedir auxílio, essas pessoas sempre foram de uma lisura completa. Lembro-me muito bem, que uma das condições que eu impunha aos estudantes para entrarem comigo no CNPq. Seria não ter nenhuma atividade estudantil porque a atividade estudantil é tão absorvente que impede o aluno de trabalhar no laboratório. Lembro-me desse que está em Campinas, o Angelo Pires, um dia chegou perto de mim e disse: eu vou ter que largar o CNPq, as minhas atividades aqui, porque querem me eleger presidente de diretório, eu já me neguei e uma porção de coisas e eles ficam dizendo que é falta de coleguismo e já entrei em atrito com uma porção de gente por aí, acho que vou ter que aceitar. Eu disse; aceita e ele então fez um requerimento pedindo ao CNPq, que suspendesse por um ano a bolsa dele. Isto foi um escândalo no CNPq, mas ele fez, interrompeu a bolsa e no ano seguinte ele requereu e ganhou a bolsa novamente. Esta coisa não acontece com todo mundo, se um indivíduo não tem a coragem, a capacidade de fazer uma coisa dessa, e nunca será um bom cientista. Se ele está escrevendo um negócio, e diz não tem que voltar para ver aquilo, se ele não é suficientemente honesto, ele não volta. Se não tem essa

honestidade não pode. Honestidade não é um negócio de é um pouco, ou é muito pouco, ou alguma coisa, tem que ser: é ou não é.

Antes do Conselho de Pesquisa, a pesquisa no Brasil era uma coisa, agora é outra coisa. Foi um marco sem dúvida nenhuma.

M.C. – Para melhor ou para pior?

HSL – Para muito melhor, sem dúvida nenhuma. O Conselho de Pesquisa, foi uma coisa acertadíssima e até hoje está funcionando, não está funcionando tão bem, mas está.

M.C. – Em relação a produção científica na área da entomologia, que está mais ligada ao senhor. Como o senhor vê comparativamente a produção que era feita no exterior na época que o senhor começou e a produção que é feita atualmente? Como o senhor vi a produção feita aqui com a produção exterior? Há defasagem das duas coisas...

HSL – Ah! Comparando? Nós sempre tivemos entomologistas excepcionais aqui no Brasil. Então, o trabalho desses entomologistas sempre foi num padrão muito bom. E continuamos a ter, mas isto é função das pessoas e por coincidência existe atualmente um número maior de bons entomologistas porque as coisas crescem mesmo, não porque seja uma coisa excepcional, o que era de se esperar, quer dizer, o número de entomologista agora é maior e o padrão é muito bom, mesmo em relação ao resto do mundo. Sendo que há talvez uma coisa que seja favorável atualmente; é que a impressão no Brasil ainda não é tão cara como no exterior, de forma que há muita limitação de impressão no exterior. Isto é um ponto favorável prá nós. Aqui podemos publicar um trabalho com uma porção de figuras e no exterior o sujeito fica cortando as figuras e isto na entomologia é muito importante.

M.C. – Aonde se publica aqui no Brasil os trabalhos de entomologia?

HSL – Atualmente se publica na Revista Brasileira de Biologia, está saindo este ano o último número do Estudo Entomológico, porque vai acabar pois, o frei Borgmeier faleceu. O Museu Nacional está inteiramente parado, não há nada lá, e o Instituto

Oswaldo Cruz, acho que não tem publicado nada, porque parece que não tem mais entomologista lá, a entomologia pouca que tem lá está sendo publicada na Revista Brasileira de Entomologia. Em São Paulo, o Museu de Zoologia continua publicando e a Sociedade de Entomologia também, Fizeram outra sociedade na Bahia, já publicou também alguma coisinha, quer dizer o grosso da entomologia está na Academia de Ciências, na Revista Brasileira de Biologia está muito ativa. É pena que o Estudo Entomológico tenha acabado.

M.C. – Como o senhor vê o problema do reconhecimento social da atividade dos cientistas aqui no Brasil? O conhecimento que a sociedade tem em relação a atividade científica?

HSL – Eu acho que sempre foi muito bom e continua sendo. A atividade científica no Brasil, sempre foi muito conceituada. Tem coisas por exemplo como a atividade do Oswaldo Cruz era tão marcante e qualquer coisa de ciências todo mundo acha muito bonito, mesmo sem saber porque.

M.C. – Mas isto não tende a enfatizar, talvez, o papel dessas grandes figuras e deixar abandonado, pouco reconhecido ou dar pouca legitimidade às atividades cotidianas dos cientistas?

HSL – Não. O que acontece é que o cientista é um funcionário público, no Brasil ou como professor ou trabalhando no instituto isolado e eles têm um pouco de descrédito que tem o funcionário público, mas só por causa disso. Acho que o resto não. O conceito do cientista dentro da sociedade é bem reconhecido, embora o sujeito não saiba bem o que é, porque, o que caracteriza a sociedade brasileira é não saber bem das coisas, o sujeito sabe uma coisa, não sabe outras as informações dos jornais são muito deturpadas, ainda se chama o médico de cientista, quando um médico pode ser cientista, mas um clínico não é cientista. Ainda há estas confusões as pessoas dizem: fulano é um grande médico, é um cientista, mas a gente vê, não é um cientista. Um médico pode ser cientista, claro, ele faz experimentação, mas um clínico não é um cientista.

[FIM DO DEPOIMENTO]